

HUMANISMO E CIÊNCIA

Antiguidade e Renascimento

António Manuel Lopes Andrade
Carlos de Miguel Mora
João Manuel Nunes Torrão
(Coords.)



Aveiro | Coimbra | São Paulo 2015

UA Editora - Universidade de Aveiro | Imprensa da Universidade de Coimbra | Annablume

Este volume resulta de várias iniciativas desenvolvidas no âmbito do projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” (<http://amatolusitano.web.ua.pt>), recolhendo contribuições de mais de duas dezenas de colaboradores, tanto de membros da equipa como de outros investigadores nacionais e estrangeiros. Entre os eventos que estiveram na origem deste livro destacam-se as três edições do Ciclo de Conferências promovido pelo projecto, realizadas entre 2010 e 2013, e sobretudo o Colóquio Internacional “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, que decorreu no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, nos dias 21 e 22 de Novembro de 2013.

O objectivo principal do projecto é a edição e tradução para português dos dois livros que Amato Lusitano dedicou ao comentário do tratado grego *De materia medica* de Dioscórides, ou seja, o *Index Dioscoridis* (Antuérpia, 1536) e as *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque... enarrationes* (Veneza, 1553), estando contemplada, também, a tradução de mais duas obras directamente correlacionadas com os livros do médico português: a montante, a do próprio tratado grego de Dioscórides; a jusante, a do livro intitulado *Apologia adversus Amathum Lusitanum* (Veneza, 1558) de Pietro Andrea Mattioli.

OBRA PUBLICADA COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA DE:

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas
da Universidade de Aveiro

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto
Benveniste” da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

HUMANISMO E CIÊNCIA

Antiguidade e Renascimento

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE
CARLOS DE MIGUEL MORA
JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO
(COORDS.)

AVEIRO • COIMBRA • SÃO PAULO
2015

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
ANNABLUME

HUMANISMO E CIÊNCIA: Antiguidade e Renascimento

EDIÇÃO

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
ANNABLUME

ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE
CARLOS DE MIGUEL MORA
JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

DESIGN DA CAPA
MEIOKILO DESIGN STUDIO

DESIGN
CARLOS COSTA

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

SERSILITO • MAIA

ISBN

UA • 978-972-789-434-5
IUC • 978-989-26-0940-9

ISBN DIGITAL

UA • 978-972-789-435-2
IUC • 978-989-26-0941-6

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0941-6>

DEPÓSITO LEGAL 368241/13

TIRAGEM 500 Exemplares

© 2015

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
ANNABLUME

COMISSÃO CIENTÍFICA

António Manuel Lopes Andrade
Carlos de Miguel Mora
Delfim Ferreira Leão
Henrique Leitão
João Manuel Nunes Torrão
Maria de Fátima Reis
Maria do Céu Zambujo Fialho
Miguel Ángel González Manjarrés

TEXTOS

Adelino Cardoso
Ana Leonor Pereira
Ana Margarida Borges
António Guimarães Pinto
António Maria Martins Melo
Bernardo Mota
Carlos A. Martins de Jesus
Carlos de Miguel Mora
Cristina Santos Pinheiro
Donald Beecher
Emília Oliveira
Isabel Malaquias
James W. Nelson Novoa
Joana Mestre Costa
João Manuel Nunes Torrão
João Rui Pita
Jorge Paiva
José Sílvio Moreira Fernandes
Maria de Fátima Silva
Miguel Ángel González Manjarrés
Rui Manuel Loureiro
Telmo Corujo dos Reis
Teresa Nobre de Carvalho
Vinicijs B. Lupis
Virgínia Soares Pereira

HUMANISMO E CIÊNCIA

Antiguidade e Renascimento

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE
CARLOS DE MIGUEL MORA
JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO
(COORDS.)

AVEIRO • COIMBRA • SÃO PAULO
2015

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
ANNABLUME

**OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA DE:**

**CENTRO DE LÍNGUAS,
LITERATURAS E CULTURAS DA
UNIVERSIDADE DE AVEIRO**

**CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

**CÁTEDRA DE ESTUDOS SEFARDITAS
"ALBERTO BENVENISTE"
DA FACULDADE DE LETRAS DA
UNIVERSIDADE DE LISBOA**

universidade de aveiro  **cllc** centro de línguas, literaturas e culturas

 **ECH** CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| PREFÁCIO | 7 |
| 1) HUMANISMO E CIÊNCIA | 11 |
| 1.1 “Teofrasto, <i>Tratado das plantas</i> . No alvor de uma nova ciência” | 13 |
| <i>Maria de Fátima Silva</i> | |
| 1.2 “Francisco de Melo e os fragmentos de teoria óptica de Pierre Brissot” | 21 |
| <i>Bernardo Mota</i> | |
| 1.3 “Algumas reflexões sobre as pedras preciosas nos <i>Colóquios dos simples</i> de Garcia de Orta” | 37 |
| <i>Rui Manuel Loureiro</i> | |
| 1.4 “Estratégias, patronos e favores em <i>Colóquios dos Simples</i> de Garcia de Orta” | 63 |
| <i>Teresa Nobre de Carvalho</i> | |
| 1.5 “As plantas na obra poética de Camões (épica e lírica)” | 95 |
| <i>Jorge Paiva</i> | |
| 1.6 “Nicolás Monardes, John Frampton and the Medical Wonders of the New World” | 141 |
| <i>Donald Beecher</i> | |
| 1.7 “Literatura e Medicina: alguns textos de Justo Lúpsio e de dois doutores Luís Nunes” | 161 |
| <i>António Guimarães Pinto</i> | |
| 1.8 “Ontologias e idiosincrasias dos Amantes, à luz da <i>Archipathologia</i> de Filipe Montalto” | 211 |
| <i>Joana Mestre Costa & Adelino Cardoso</i> | |
| 1.9 “Gabriel da Fonseca. A New Christian doctor in Bernini’s Rome” | 227 |
| <i>James W. Nelson Novoa</i> | |

| | |
|--|-----|
| 2) DIOSCÓRIDES E O HUMANISMO PORTUGUÊS: OS COMENTÁRIOS DE AMATO LUSITANO | 249 |
| 2.1 “Léxico científico português nos <i>Comentários</i> de Amato: antecedentes e receção” | 251 |
| <i>Ana Margarida Borges</i> | |
| 2.2 “Usos medicinais das plantas, em Amato Lusitano: o bálsamo” | 275 |
| <i>António Maria Martins Melo</i> | |
| 2.3 “Amato Lusitano e a importância da ilustração botânica no século XVI. Em torno das edições lionesas das <i>Enarrationes</i> (1558)” | 303 |
| <i>Carlos A. Martins de Jesus</i> | |
| 2.4 “Sobre la identificación entre ébano y guayaco en una entrada del <i>Index Dioscoridis</i> de Amato Lusitano” | 317 |
| <i>Carlos de Miguel Mora</i> | |
| 2.5 “Os partos distócicos em Amato Lusitano e em Rodrigo de Castro: fontes, doutrinas e terapias greco-romanas” | 353 |
| <i>Cristina Santos Pinheiro</i> | |
| 2.6 “Do carvalho ao castanheiro: usos e propriedades medicinais de fagáceas nas <i>Enarrationes</i> de Amato Lusitano” | 373 |
| <i>Emília Oliveira</i> | |
| 2.7 “O mundo mineral nos <i>Comentários</i> a Dioscórides de Amato Lusitano” | 387 |
| <i>Isabel Malaquias & Virgínia Soares Pereira</i> | |
| 2.8 “Alguns comentários de Amato: entre a estranheza e a realidade” | 413 |
| <i>João Manuel Nunes Torrão</i> | |
| 2.9 “Caracterização e usos terapêuticos de produtos de origem marinha nos <i>Comentários</i> de Amato Lusitano a Dioscórides” | 425 |
| <i>José Sílvio Moreira Fernandes</i> | |
| 2.10 “La mandrágora de Amato Lusitano: edición, traducción y anotación” | 449 |
| <i>Miguel Ángel González Manjarrés</i> | |
| 2.11 “O vinho e os vinhos — usos e virtudes de um dom dos deuses nas <i>Enarrationes</i> de Amato Lusitano” | 467 |
| <i>Telmo Corujo dos Reis</i> | |
| 2.12 “Amatus Lusitanus e Didaco Pirro: due ebrei portoghesi e cerchia umanistica di Dubrovnik” | 481 |
| <i>Vinicije B. Lupis</i> | |
| 2.13 “Estudos contemporâneos sobre Amato Lusitano” | 513 |
| <i>João Rui Pita & Ana Leonor Pereira</i> | |

As plantas na obra poética de Camões (épica e lírica)¹

JORGE PAIVA²

RESUMO:

Na época camoniana, as plantas mais conhecidas e citadas na literatura, não eram tanto as plantas comestíveis ou ornamentais, mas mais as plantas medicinais. Como *Os Lusíadas* foram escritos, quase na totalidade, no Oriente e centrados nos Descobrimentos, têm como base plantas asiáticas, particularmente especiarias e medicinais; a Lírica como foi, maioritariamente, escrita em Portugal e centrada no amor e paixão, as plantas referidas são europeias e ornamentais. Numa e noutra obra o poeta raramente cita as mesmas plantas, mas quando isso acontece, fá-lo com significados diferentes. Como Camões viveu a sua grande paixão durante os treze anos que esteve em Coimbra (1531-1544), de onde partiu aos vinte anos, a maioria das plantas referidas na Lírica são plantas dos campos do Mondego. O mesmo acontece n'*Os Lusíadas* nos episódios da "Ilha dos Amores" (Canto IX, 18 – X, 95) e de "Inês de Castro" (Canto III, 118-135).

Num trabalho sucinto, não é possível abranger a vasta obra completa de Luís de Camões. Assim, abordaremos algumas das plantas mais invulgares referidas n'*Os Lusíadas* e praticamente todas as citadas na Lírica. Aliás, é n'*Os Lusíadas* que o poeta mais plantas menciona (cerca de cinco dezenas), na maioria asiáticas e aromáticas. Na Lírica refere muito menos espécies de plantas (cerca de três dezenas e meia), maioritariamente, europeias campestres e ornamentais.

PALAVRAS-CHAVE:

Camões; poesia (Épica e Lírica); plantas.

1 Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projecto de I&D "Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano" (<http://amatolusitano.web.ua.pt>) do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projecto FCOMP-01-0124-FEDER-009102.

2 Centro de Ecologia Funcional da Universidade de Coimbra: jaropa@bot.uc.pt.

ABSTRACT:

In Camões' time, the better known plants in literature were not necessarily the edible ones, but were rather the medicinal ones. The spices, being aromatic plants, are all included in the edible or medicinal plants. So, the study of plants referred by Camões must be based on the botanic knowledge of the 16th century, mainly on medicinal plants. Furthermore, as *Os Lusíadas* were written, almost in their totality, in the East and centered in the Discoveries, they have their basis on the Asian spices; in the lyric work, as it was mainly written in Portugal and centered in love and passion, the plants referred are European and ornamental. On both works the poet rarely refers to the same plant, but when it happens, he does it with different meanings. As Camões lived his great passion during the thirteen years he lived in Coimbra (1531-1544), which he left when he was twenty years old, the majority of plants referred in his lyric poems are plants from the Mondego river fields. The same happens in the "Ilha dos Amores" of *Os Lusíadas* (Canto IX, 18 - 95; X, 1-143).

In a concise work, it is not possible to include the vast work of Luís de Camões. So, we will approach some of the most uncommon plants referred in *Os Lusíadas* and practically all the lyric ones. Moreover, it is in *Os Lusíadas* that the poet refers to more plants (about fifty), mainly Asian and aromatic. In the lyric the poet mentions less species of plants (about thirty five), mainly European, from the countryside or ornamental.

KEYWORDS:

Camões; poetry (epic and lyric); plants.

PREÂMBULO

Como se sabe, Luís Vaz de Camões teve uma vida muito atribulada e escassamente documentada, pois segundo H. Saraiva “Documentos autênticos sobre a vida de Camões, documentos originais e indiscutidos, daqueles que ninguém põe em dúvida, sabe-se de sete: o perdão do rei pela cutilada na cabeça de um empregado do Paço em dia do Corpo de Deus de 1552, o privilégio da publicação d’*Os Lusíadas* e o alvará da tença de 15 000 réis durante três anos; os outros quatro são prorrogações do prazo da tença.”³

Por haver tão restrita documentação fidedigna sobre a vida de Camões, actualmente não só se sabe muito pouco sobre factos reais, como também o que se pode elaborar são meras conjecturas conseguidas de interpretações retiradas da sua obra poética (Épica e Lírica).

Era filho de Simão Vaz de Camões e Ana de Sá e Macedo, mas pouco ou praticamente nada se sabe sobre a mãe. Não se conhece ao certo a localidade e dia do nascimento; apenas se sabe que foi em 1524. Também não se conhece com exactidão a data da morte. Faleceu na capital do país, em 1580, muito provavelmente a 10 de Junho.

Sabe-se que o poeta viveu treze anos em Coimbra (1531 a 1544), portanto dos sete aos vinte anos, onde, inicialmente, esteve ao cuidado do seu tio Bento Camões, prior do Convento de Santa Cruz e chanceler da Universidade, que o recomendou, em 1535, para aio (escudeiro) de Francisco de Noronha e Violante de Andrade, acabados de casar, ele com trinta anos e ela com treze anos. Em 1540, quando Camões tinha dezasseis anos e Violante dezoito, Francisco de Noronha vai para França como embaixador, até 1544. Nesse mesmo ano, o casal vai para Lisboa, tal como Camões. Em 1547 vai para Ceuta (desterrado?), regressando a Lisboa cego de um olho. Em 1550 vai para algures no Ribatejo, para um povoado junto às margens do Tejo. Regressa a Lisboa, e em 1552 é preso no dia do Corpo de Deus, indo para a prisão do Tronco. Em 1553 parte para Goa, em cumprimento da pena a que fora condenado, sendo, novamente preso em Goa. Esteve em Macau e sofreu um naufrágio no Estuário do rio Mekong. Em Dezembro de 1567, parte de Goa e, depois de uma estada na Ilha de Moçambique (1568-1570), chega a Cascais a 7 de Abril de 1570. Em 1572 é editada, em Lisboa, a 1.^a edição d’*Os Lusíadas*, tendo sido censor o Padre Bartolomeu Ferreira e Inquisidor-geral o Cardeal D. Henrique. Morre em Lisboa em 1580 (10 de Junho?).

3 Cf. J. H. SARAIVA, *Vida ignorada de Camões*. Mem Martins, Publicações Europa-América, ²1982, p. 17 (Estudos, Ensaios e Documentos 141).

INTRODUÇÃO

Camões, conhecia, seguramente, não só obras gregas sobre plantas, particularmente o tratado *De materia medica* (64 d.C.) de Pedânio Dioscórides (40-90 d.C.), como também os *Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da Índia* (1563) de Garcia de Orta, por quem acalentava uma afectuosa amizade e admiração.

Aliás, a biblioteca do Convento de Santa Cruz, onde seu tio Bento Camões era prior, era muito rica em obras da Antiguidade Clássica, que, muito provavelmente, o poeta consultou. Como Camões refere muitas plantas europeias citadas por autores gregos e poetas anteriores a ele, alguns autores (ex. Joaquim Vieira Natividade, 1970 e Augusta F. G. Ventura, 1930-1943) admitem que Camões refere essas plantas com o mesmo significado utilizado por esses poetas. Na minha opinião, Camões não foi um “plagiador”. É natural que tenha utilizado algumas plantas já referidas por outros, particularmente as ornamentais, mas utilizou-as com significado bem diferente. O facto de Camões referir muitas plantas nunca citadas por poetas anteriores, particularmente n’*Os Lusíadas*, onde refere muitas espécies asiáticas, constitui o melhor testemunho que o grande poeta não copiou ninguém.

Apesar de se saber isso, não é fácil determinar com exactidão todas as plantas referidas por Camões na sua obra poética (Épica e Lírica), pois a maioria das vezes refere-as não só de forma poética, como também utilizando a sua admirável arte de derivar (ele próprio afirma que os seus versos são ‘derivações’) com extraordinários malabarismos linguísticos.

Num trabalho sucinto não é possível explicar toda a flora da vasta obra poética de Luís de Camões. Assim, abordaremos algumas das plantas mais invulgares referidas n’*Os Lusíadas* e as plantas que o poeta utilizou na Lírica, comparando as duas floras (Épica e Lírica) e explicitando as semelhanças e diferenças no significado que o poeta lhes confere n’*Os Lusíadas* e na poesia lírica. Aliás, é n’*Os Lusíadas* que o poeta mais plantas menciona (cerca de cinco dezenas), na maioria asiáticas e aromáticas. Na Lírica refere muito menos espécies de plantas (cerca de três dezenas e meia), maioritariamente, europeias campestres e ornamentais, particularmente as flores destas. Na parte final deste trabalho, apresentamos uma lista de nomes científicos das plantas mencionadas na Épica e outra das mencionadas na Lírica.

Na época camoniana, as plantas mais conhecidas e citadas na literatura não eram tanto as plantas comestíveis, mas mais as plantas medicinais. As especiarias, como todas são plantas aromáticas, estão incluídas tanto numas como noutras. Por isso, o estudo das plantas citadas por Camões deve ser feito com base nos conhecimentos botânicos do século XVI, maioritariamente circunscritos às plantas medicinais e campestres.

Começemos por referir que quando se formou a nossa espécie, praticamente, a totalidade das outras espécies animais que hoje existem já habitavam o Globo Terrestre. Por isso, a espécie humana (*Homo sapiens* L.) aprendeu muito com a Natureza e com os outros animais. Assim,

copiamos os outros animais na alimentação e, também, no uso de muitas das plantas medicinais que ainda hoje utilizamos. É disto exemplo, uma planta que em S. Tomé é designada por “aliba-cassô”, que quer dizer planta do cão, que é uma erva, *Eleusine indica* (L.) Gaertn. [na Europa a grama-dente-de-cão é também uma erva da mesma família (Gramíneas), a *Cynodon dactylon* (L.) Perss.], que os cães comem quando têm desarranjos intestinais. Capacitando-se disso, os santomenses, quando têm disenterias tratam-se com infusões dessa planta. Claro que também aprendemos com os outros animais a utilização das plantas tóxicas, como, por exemplo, a noz-vômica (*Strychnos nux-vomica* L.), cujas sementes contêm estricnina, sendo, por isso, que os símios não comem o fruto desta espécie de *Strychnos*, mas sim os frutos das espécies de *Strychnos* que não têm estricnina. É um fenómeno idêntico ao que acontece com os cogumelos.

A nossa espécie utiliza plantas alimentares e medicinais praticamente desde que apareceu na Terra. Conhecem-se documentos sobre plantas medicinais há mais de cinco mil anos, como são os documentados sistemas médicos chineses e o “ayurvédico” indiano. Antes da fabricação dos medicamentos pela indústria farmacêutica, que não tem mais do que século e meio, as enfermidades eram tratadas directamente com mezinhas das plantas ou dos animais. Foi, por isso, que a 5 de Outubro de 1773, o Marquês de Pombal escreveu ao então Reitor da Universidade de Coimbra (D. Francisco de Lemos), rejeitando o grandioso plano para o Jardim Botânico de Coimbra, que este lhe enviara, dizendo:

Debaixo d’estas regulares medidas deve, V. Ex.^a fazer delinear outro plano, reduzido somente ao numero de hervas medicinais que são indispensáveis para os exercícios botânicos, e necessarias para se darem aos estudantes as instruções precisas para que não ignorem esta parte da medicina....⁴

O Marquês não queria um Jardim Botânico sumptuoso, ornamental e muito dispendioso, mas um Jardim simples e fundamentalmente com plantas medicinais.

O tratado *De materia medica* (64 d.C.) de Pedânio Dioscórides (40-90 d.C.), célebre físico (cirurgião) grego, considerado uma das obras mais antigas sobre plantas, onde se descrevem os atributos (cerca de 1000) de cerca de 600 espécies de plantas, foi o guia da medicina ocidental durante mais de 16 séculos, o que implicou um reduzidíssimo progresso da fitoterapia, pois além da versão grega original, houve também traduções para várias línguas, algumas com erros graves que se repetiram durante séculos. Muitas publicações (mesmo actuais) sobre plantas medicinais limitaram-se a parafrasear a obra de Dioscórides. Aliás, a maioria dos nomes utilizados por Dioscórides tinha sido utilizada por Hipócrates (ca. 460-370 a.C.) no seu catálogo *De herbis* com mais de 230 nomes de plantas, mais tarde descritas por Cratevas (120-60 a.C.)

4 Cf. J. PAIVA, “Jardins Botânicos. Sua origem e importância”, *Munda* 2 (1981), pp. 35-44.

em *Rhizotomikon*, assim como por Teofrasto (370-285 a.C.) no livro xvi da sua *Historia plantarum*. O manuscrito de *Rhizotomikon* perdeu-se e, segundo alguns autores⁵, foi a fonte principal do “Herbário” de Séxtio Níger, no qual Plínio e Dioscórides basearam os seus trabalhos.

Portanto, a descrição dos atributos medicinais das plantas europeias e, em parte, asiática, é conhecida, está documentada e registada por escrito há muitos séculos.

Como se referiu, a obra de Dioscórides foi não só traduzida para diversos idiomas, entre os quais o latim, como até aumentada, alterada e iconografada, não correspondendo alguns dos desenhos às descrições dioscoridianas. Foi na obra de Dioscórides que não só Garcia de Orta, como também João Rodrigues de Castelo Branco, o Amato Lusitano, basearam os seus conhecimentos fitoterápicos, tendo, no entanto, Garcia de Orta acrescentado os conhecimentos da medicina “ayurvédica” indiana. Aliás, o título da obra de Amato Lusitano (*In Dioscoridis Anazarbei De Materia Medica... Enarrationes Eruditissimae*) é bem elucidativo de que assim foi.

Estas obras e outras sobre produtos naturais da Ásia, tal como o livro de Duarte Barbosa (1516)⁶ são cruciais para uma determinação, o mais exacta possível, das plantas referidas por Camões, particularmente n’*Os Lusíadas*, escrito, quase na totalidade, durante a sua estada no Oriente.

Camões acalentava uma afectuosa admiração por Garcia de Orta, resultante das relações pessoais que mantiveram na Índia, a tal ponto que conseguiu do vice-rei D. Francisco de Sousa Coutinho, conde do Redondo, patrocínio para a publicação da célebre obra do eminente médico naturalista (*Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da Índia*, 1563). O poeta conhecia certamente o Horto de Garcia de Orta, como é dedutível pela estrofe da ode ao *Conde do Redondo, Viso-Rey da India*, o primeiro poema a ver letra de forma, que antecede o texto da 1.^a edição dos Colóquios:

Olhai que em vossos annos
Produze hua Orta insigne varias ervas.
Nos campos indianos:
Has quaes, aquellas doutas e protervas
Medea, e Circe nunca conheceram.
Posto que as leis da Magica excederam.

5 A. G. MORTON, *History of Botanical Science, an account of the development of Botany from ancient times to the present day*. London, Academic Press, 1981.

6 *Livro de Duarte Barbosa*. Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1813.

Como já referimos, as plantas citadas n'Os *Lusíadas* são maioritariamente asiáticas e especiarias e na Lírica plantas dos campos do Mondego e Tejo. Por essa razão, para determinados poemas polémicos, por haver (ou ter havido) críticos literários que os consideram camonianos e outros não, as plantas citadas n'Os *Lusíadas* e na Lírica poderão auxiliar na autoria camoniana ou não. É, por exemplo, o caso do “*Vergel de Amor*”. Nesta poesia, citam-se, por vezes, muitas plantas por estrofe, o que não é característico de Camões e mencionam-se muitas plantas que não encontramos citadas em toda a obra poética indubitavelmente camoniana, como, por exemplo, as boas-noites (*Mirabilis jalapa* L.), nativas do Peru e não conhecidas na Europa na época camoniana e o girassol (*Helianthus annuus* L.), também nativo do Continente Americano; assim como plantas dos montes, como as giestas (*Cytisus* spp.), e os rosmaninhos (*Lavandula* spp.).

PLANTAS D'OS LUSÍADAS

O coco das Maldivas ou coco-do-mar é um bom exemplo de plantas não dioscoridianas tratadas por Garcia de Orta nos seus *Colóquios* (Colóquio Décimo Sexto) e referida por Luís de Camões (Canto X), tendo este utilizado a sua, já referida, admirável arte de derivar com extraordinários malabarismos linguísticos, quando menciona este coco na Lírica.

O coco-do-mar não é mais do que o fruto de uma palmeira (coqueiro) endémica (planta nativa apenas de determinado local ou região) da República das Seychelles. Por isso, é também, e mais correctamente, conhecido por coco das Seychelles. Por causa da forma do caroço, é também conhecido por coco-das-nádegas, coco-indecente, coco-gémeo ou coco-duplo e outros nomes, como coco-de-Salomão, coco-real, coco-da-escravatura e muitos outros epítetos vernáculos em idiomas asiáticos. Os frutos das palmeiras são cocos (drupas, como são os pêssegos, as ameixas, as cerejas, etc.) com uma camada fibrosa (geralmente oleosa) que envolve um caroço, no qual está a semente (amêndoa). Antes da descoberta do caminho marítimo para a Índia (1497-98), este coco não era conhecido na Europa, mas era já famoso na Ásia, onde conheciam apenas o caroço, que consideravam, erroneamente, como uma semente, sem nunca terem visto a palmeira que o produzia (assim o diz Garcia de Orta no referido colóquio “que nunca pessoa alguma vio a arvore que dá estes coquos, senão o que o mar deita de si;”). É o maior (30-50 x 25-28 cm) e mais pesado (15-20 kg) caroço (portanto, também a maior e mais pesada semente) do Globo Terrestre. Por ser uma semente tão pesada, nem o respectivo coco, nem o caroço, flutuam facilmente, não sendo, portanto, transportados, com viabilidade, pelas correntes marítimas, como acontece com o fruto do coqueiro (*Cocos nucifera* L.). No entanto, como a parede do caroço é muito dura e dificilmente permeável, o caroço, depois de seco ou

da perda da massa interna (embrião e albúmen, portanto a semente propriamente dita) fica muito mais leve e já é flutuante e transportável pelas correntes marítimas. Era assim, sem poder germinativo, que chegava às ilhas Maldivas (assim diz Ruano nos Colóquios “que dizem das Maldivas”) e às costas da Índia, Indonésia e respectivas ilhas, onde os primeiros europeus deram conta da fama deste invulgar caroço, devido à sugestiva forma que apresenta (lembra formas anatómicas femininas).



Figura 1 - Coco das Maldivas [*Lodoicea maldivica* (J. F. Gmel.) Pers.]. Museu da Ciência (Universidade de Coimbra)

Por isso este caroço era, erroneamente, conhecido como coco das Maldivas, a tal ponto que o botânico que primeiro nomeou cientificamente a palmeira (Johann Friedrich Gmelin), em 1796, designou-a por *Cocos maldivica*, baseando-se apenas no caroço, pois não conhecia a planta. Quando se soube que afinal a palmeira não era nativa das Maldivas, mas das Seychelles, Jacques Julien Houtton de la Billardière, em 1801 (comunicação oral na Academia das Ciências Francesa, em Paris, mas só publicada validamente em 1807)⁷, designou-a por *Lodoicea sechellarum*. Porém, a primeira descrição científica da planta, feita por Pierre Sonnerat, é anterior (lida numa sessão da Academia das Ciências de França em 1773 e publicada em 1776)⁸ à de Billardière (1807), mas Sonnerat não lhe concedeu nenhum nome em latim. O género *Lodoicea* foi criado por Philbert Commerson (de *Lodoicus*, forma latinizada de Louis em homenagem ao rei Luís xv de França, pois as Seychelles eram, na época, uma colónia francesa) e descrito por Augustin Pyramus de Candolle em 1800. Neste género, mono-específico (só tem uma espécie), a planta teve várias designações (*L. callipyge* Comm. ex J. St.-Hil.; *L. humilis* Pharm. ex Wehmer; *L. maldivica* Pers. ex H. Wendl.; *L. sechellarum* Labill. e *L. sonnerati* Baill.), mas o nome válido, segundo as Regras Internacionais de Nomenclatura Botânica, é *Lodoicea maldivica* (J. F. Gmel.) Pers.

Como os povos asiáticos nunca tinham visto a palmeira produtora de um coco tão grande e tão invulgar, consideravam (mais tarde, os navegadores europeus também) que era produzido por um coqueiro que vegetava nas profundezas do mar. Por outro lado, como o caroço tem uma forma bilobada (“que vem pegados dous em hum”, segundo Garcia de Orta nos *Colóquios*) que se assemelha às ancas e zona púbica da mulher, foi, por isso, considerado afrodisíaco e, como era muitíssimo raro e extremamente apreciado, era excessivamente dispendioso. Aliás, ainda hoje é caro e não é fácil adquiri-lo. Assim, nas ilhas Maldivas, arquipélago onde vinham, por vezes, caroços dar à costa, o direito de propriedade de todos os cocos-do-mar que apareciam nas praias destas ilhas, era pertença dos soberanos das mesmas, e qualquer pessoa que não entregasse algum desses achados era condenada à morte ou era-lhe sentenciada a ablação das mãos. Desta maneira, os primeiros exploradores europeus ao trazerem para a Europa este valioso caroço (geralmente considerado semente) enaltecera-lhe não só extraordinárias qualidades afrodisíacas, como também atributos místicos e medicinais (como o diz Ruano mais adiante “Dixeramme que a rainha, nossa senhora, mandava todo los anos por este coquo, e lho levam de cá; e por tanto não me negueis ser pêra a peçonha bom;”). Foi, por toda essa reputação que o coco tinha, que Rudolfo II dos Habsburgos (Imperador do Santo Império Romano), ofereceu, em vão, 4000 florins de ouro (uma fortuna para a época) por um coco desses, que

7 “Sur le Cocotier de Mer des Maldives”, *Annales du Muséum National d’Histoire Naturelle* 9 (1807), pp. 140-145.

8 *Voyage a la Nouvelle Guinée*. Paris, Ruault, 1776.

pertencia ao almirante holandês Wolfert Hermanssen, que o tinha recebido como presente do Sultão de Bantam (região da ilha de Java), por ter defendido a capital do sultanato de um ataque da Armada Portuguesa, sob o comando de André Fortunato de Mendonça, em 1602⁹. É por isso que há, actualmente, em museus europeus alguns destes caroços ocos, cobertos a ouro ou prata e ornamentados exteriormente com figuras decorativas, que serviam, geralmente, de vasilhas ou copos.

A primeira referência feita por um europeu a este coco e respectiva palmeira, aliás extraordinariamente fantástica, é de António Pigafetta, em 1519-22, quando relatou a passagem da frota de Fernão de Magalhães pelos mares da China e Sião, na sua viagem de circum-navegação. Aliás, a mais absurda, fantástica e romântica publicação sobre esta planta e respectivos atributos, foi feita pelo general inglês Charles Gordon, que visitou as Seychelles em 1881 e considerou que o Vallée de Mai (actualmente Parque Nacional na ilha Praslin, sendo a área onde vegeta naturalmente a maior quantidade de palmeiras do coco-do-mar) era o Jardim de Éden, onde vegetava a “Árvore da Ciência, do Bem e do Mal” (*Lodoicea maldivica*) e a “Árvore da vida” [a árvore-do-pão, *Artocarpus insignis* (Parkinson ex F.A. Zorn) Fosberg]. A fantasia foi tal que este general até se esqueceu que a árvore-do-pão foi introduzida nas Seychelles, pois é nativa da Malásia. Depois do italiano Pigafetta, os portugueses foram, naturalmente, outros europeus a referirem o coco-do-mar, como João de Barros, em 1553, que, como era habitual na época, considerou que o “pomo maior do que o coco” vinha de uma árvore que “nascia em algumas partes debaixo da água salgada”.

Outros europeus se seguiram nas referências a este legendário coco, como o holandês Jan Huygen van Linschoten que refere, em 1610, que o rei das Maldivas oferecia de presente este coco a soberanos locais e estrangeiros pelas suas propriedades contra peçonhas; o “físico” holandês Antgers Cluyt (Augerius Clutius) publicou em Amesterdão (1634) a primeira monografia sobre o coco-do-mar, em que refere uma dúzia de doenças e outras enfermidades para as quais o coco era um bom remédio; o comerciante francês Pyrard de Laval que, por naufrágio em 1602, viveu vários anos numa das ilhas Maldivas, refere, mais uma vez, que este coco, que os nativos consideravam um tesouro pelas suas propriedades medicinais, era produzido por algumas árvores submarinas. Finalmente, o botânico Georg Eberhard Rumphius publicou um exaustivo estudo sobre o coco-do-mar, em 1750, em que descreve um conjunto de lendas sobre este coco e refere que os marinheiros chineses, malaios e indonésios acreditavam que as folhas do coqueiro-do-mar apareciam, por vezes, sobre o mar. Refere também que os soberanos das regiões onde o referido coco aparecia no litoral marítimo, não permitiam que se partissem os caroços, pois serravam-nos para fazerem caixas ou vasilhas e respectivas tampas para guardarem os ingredientes de mascar,

9 A.-A. FAUVEL, “Le Cocotier de mer des Iles Seychelles (*Lodoicea Sechellarum*)”, *Annales du Musée Colonial de Marseille*, Sér. 3, 1 (1915), pp. 169-307.

porque acreditavam que estes produtos, assim como a água potável, quando armazenados nestas caixas (vasilhas), adquiriam virtudes medicinais ou curativas para uma grande quantidade de enfermidades. Rumphius foi o primeiro botânico a admitir que a palmeira produtora de tais cocos crescia no Oceano Índico Ocidental.

Foi só em 1768, cerca de 26 anos depois de os franceses terem aportado às Seychelles [159 anos depois de os ingleses as terem descoberto (já eram conhecidas dos árabes, pelo menos, desde o ano 916)] que Brayer du Barré, um engenheiro francês integrado na expedição comandada por Nicholas Marion Dufresne (com a nau La Diguffe e a escuna La Curieuse), que foi da ilha Maurícia para as Seychelles, reconheceu a palmeira do coco-do-mar na ilha Praslin (ilha de Palma, na época). Atónito, não querendo acreditar no que os seus olhos viam, colheu cerca de uma trintena de cocos que levou para o botânico francês Pierre Poivre que se encontrava na ilha Maurícia (na época ilha de França) mais a Sul. Este pediu ao abade Alexis Rochon que trouxesse das Seychelles jovens coqueiros do coco-do-mar para a ilha Maurícia. A partir daqui, por iniciativa do Capitão Duchemin, que tinha participado na expedição de Marion Dufresne às Seychelles e que estava ao corrente da descoberta de Barré, deslocou-se à ilha de Praslin na nau L'Heureuse Marie, carregando-a de cocos que comercializou no mercado asiático, tendo, assim, descido, drasticamente e de modo definitivo, o valor económico deste fabuloso coco.

Apesar disso, esta palmeira e o respectivo coco não perderam a reputação, não só de virtudes afrodisíacas (além do caroço cluniforme, a forma da inflorescência masculina também se assemelha ao *phallus* humano e a fase inicial da germinação do caroço é cópulo-sugestiva), como também medicinais e místicas.

Assim, a colheita dos cocos foi tão intensiva que a planta, actualmente, apenas cresce, como espontânea, nas encostas e vales do interior de duas das 19 ilhas do Arquipélago das Seychelles [na ilha Praslin (Parque Nacional de Vallée de Mai, com cerca de 5000 exemplares, pois 59% das árvores do Parque são *Lodoicea maldivica*) e na vizinha e pequena ilha Curieuse (primeiramente ilha Rouge)]. Além destes locais onde é nativa e espontânea, está cultivada em Jardins Botânicos, particularmente tropicais, onde a vimos nalguns, como no Jardim du Roi e Botanical Gardens em Victoria (capital da República das Seychelles na ilha Mahé), Pamplemousses Botanical Gardens (ilha Maurícia), Peradeniya Botanical Gardens em Kandy (Sri Lanka), Bogor Botanical Garden em Bogor (Indonésia), Singapore Botanical Gardens (Singapura), Darwin Botanic Gardens em Darwin (Austrália) e, em estufa aquecida (Palm House) dos Royal Botanic Gardens em Kew (Inglaterra).

Actualmente, nas Seychelles, a colheita e comercialização destes cocos é estritamente controlada pelo Estado, sendo uma importante fonte de receita local a venda aos turistas de peças de artesanato fabricadas com folhas, troncos e cocos desta palmeira. Porém, a população nativa não usufrui apenas da comercialização e da fama afrodisíaca e virtudes medicinais e místicas deste coco, pois o grande limbo flabeliforme das folhas é utilizado para cobertura das habitações,

para fabrico de esteiras, leques, cestos, caixas, estojos, chapéus, ramos de noiva e outros artigos de artesanato; a madeira e pecíolos foliares para tabiques, paliçadas e bebedouros para o gado; os caroços para pratos, vasilhas, copos, caixas, artigos de adorno e produção de marfim vegetal; os pêlos da parte inferior dos pecíolos das folhas jovens para encher almofadas e travesseiros. Dos cerca de 3000 destes cocos que são colhidos anualmente nas Seychelles (colheita controlada pelo Estado), apenas um pequeno número é consumido verde. Normalmente congelam a amêndoa (semente), para depois a servirem aos turistas como guloseima e, até, para produzirem uma bebida alcoólica (17%), licorosa, que, como não podia deixar de ser, tem a designação de licor de coco d'amour e as garrafas têm a forma sugestiva do caroço.

Garcia de Orta, nos seus *Colóquios*, refere que o coco das Maldivas provinha de palmeiras que haviam sido submergidas quando as ilhas Maldivas se separaram do Continente Asiático por uma grande inundação e que a amêndoa deste coco era um excelente remédio. É importante referir que Garcia de Orta o cita como “um excelente remédio” e nunca faz qualquer alusão às apregoadas propriedades afrodisíacas deste coco. É fundamental não esquecer que nessa altura não só a Inquisição era poderosa, como também Garcia de Orta tinha que ter extremo cuidado, pois, sendo cristão-novo, era alvo de perseguição do Santo Ofício pela sua origem judaica.

Talvez pelo misticismo que conferiam a este coco, a palmeira “marinha” é uma das plantas que Luís de Camões refere n'*Os Lusíadas* (Canto X, 136)¹⁰, também, cuidadosamente, sem qualquer alusão às célebres propriedades afrodisíacas do coco, pelas razões que já referimos (Inquisição e Corte). É também importante referir que não só toda a obra de Camões foi escrita entre 1540 e 1580, período de violentas perseguições aos Judeus; como também alguns autores modernos¹¹ admitem uma origem bastarda e judaica de Camões.

Nas Ilhas de Maldiva nace a pranta
No profundo das agoas soberana
Cujo pomo contra o veneno urgente
He tido por Antidoto excelente.

Camões também o refere na Lírica, obra centrada no amor e paixão, e aí utiliza eficazmente os seus, já referidos, malabarismos lexicológicos, para não ter qualquer consequência desagradável por parte dos censores e do Inquisidor-geral (Cardeal D. Henrique). É uma das poucas plantas asiáticas que Camões refere tanto na Épica, como na Lírica.

10 As citações dos versos camonianos feitas ao longo deste trabalho foram feitas a partir do texto fixado por Hernâni Cidade nas obras completas de Luís de Camões (I- *Os Lusíadas*; II- *Rimas*; III- *Lírica*).

11 Cf. J. H. SARAIVA, *Vida ignorada de Camões*, op. cit.

Assim, no soneto que, segundo J. H. Saraiva, é dedicado à recuperação do valimento de D. António Pinheiro, bispo de Miranda, que fora obrigado, pelo Rei, a renunciar à diocese de Ceuta, tendo readquirido todo o valimento durante o reinado do cardeal D. Henrique, Camões, na nossa opinião, utiliza aqui, de modo extraordinário, os seus malabarismos para exaltar a fama afrodisíaca deste coco:

Depois que viu Cibele o corpo humano
Do formoso Átis, seu verde pinheiro,
Em piedade o vão furor primeiro
Convertido, chorou seu grave dano.
E, fazendo a sua dor ilustre engano,
A Júpiter pediu que o verdadeiro
Preço da nobre palma e do loureiro
Ao seu pinheiro desse, soberano.
Mais lhe concede o filho poderoso
Que as estrelas, subindo, tocar possa,
Vendo os segredos lá do céu superno.
Oh! ditoso pinheiro! Oh! mais ditoso
Quem se vir coroar da folha vossa,
Cantando à vossa sombra verso eterno.

Ao ler-se com atenção repara-se que Camões refere as ditas propriedades afrodisíacas do coco. O “pinheiro” do formoso Átis estava com “grave dano”. Aqui Camões está a indicar que o órgão sexual de Átis fora “convertido” (deixara de ser “fálico”, isto é, viril). Então, Cibele pediu a Júpiter que “o verdadeiro preço da nobre palma e do loureiro ao seu pinheiro desse, soberano”. Isto é, que conferisse virilidade ao dito órgão de Átis. No que foi atendida Cibele, como se pode deduzir das últimas estrofes deste soneto “Oh! Ditoso pinheiro! Oh! Mais ditoso quem se vir coroar da folha vossa, cantando à vossa sombra verso eterno”.

O mesmo se pode dizer na Redondilha “Carta a uma dama”:

Da palma se escreve e canta
Ser tão dura e tão forçosa,
Que pena não a quebranta,
Mas antes, de presunçosa,
Com ele mais se levanta.
Co’o peso do mal que dais,
A constância que em mim vejo

Não somente ma dobrais,
Mas dobra-se meu desejo,
Com que então vos quero mais.

Salientamos as palavras mais elucidativas do malabarismo camoniano: “Da palma se escreve e canta ser tão dura e tão forçosa que pena não a quebranta, mas antes, de presunçosa”. Na nossa opinião, aqui refere os atributos afrodisíacos do coco. Depois “Com ele mais se levanta”. Este “ele” é o órgão sexual masculino. E depois “Co’o peso do mal que dais”... “Não somente ma dobrais”. O que é que se dobra sem poder erectivo devido ao desgosto amoroso?

Aliás, já Cidália Alves dos Santos¹² refere estas subtilezas do poeta na habilidosa evocação erótica da exibição e ocultamento do corpo da deusa Diana, utilizando plantas em metáforas com sentido erótico (hera) e ao referir o foco do desejo sexual, os lábios vulvares, como sendo “os roxos lírios” (Canto II, 36, 37):

Os crespos fios de ouro se esparziam
Pelo colo, que a neve escurecia;
Andando, as lácteas tetas lhe tremiam,
Com quem Amor brincava e não se via;
Da alva petrina flamas lhe saíam,
Onde o Menino as almas acendia;
Pelas lisas colunas lhe trepavam
Desejos, que como hera se enrolavam.
C’um delgado cendal as partes cobre,
De quem vergonha é natural reparo,
Porém nem tudo esconde nem descobre,
O véu, dos roxos lírios pouco avaro;
Mas, para que o desejo acenda e dobre,
Lhe põe diante aquele objeto raro.
Já se sentem no céu, por toda a parte,
Ciúmes em Vulcano, amor em Marte.

12 “Camões y Góngora; una lectura del erotismo en Los Lusíadas y en la Fábula de Polifemo y Galatea”, *Castilla. Estudios de Literatura* 28-29 (2003-2004), pp. 23-46.

Camões, n'Os *Lusiadas*, refere ainda outras palmeiras. Uma no Canto I, 45, 46:

Eis aparecem logo em companhia
Uns pequenos batéis, que vêm daquela
Que mais chegada à terra parecia,
Cortando o largo mar com larga vela.
A gente se alvoroça, e de alegria,
Não sabe mais que olhar a causa dela.
-“Que gente será esta?” (em si diziam)
“Que costumes, que leis, que rei teriam?”

“As embarcações eram na maneira
Mui velozes, estreitas e compridas;
As velas com que vêm eram de esteira,
Dũas folhas de palma bem tecidas;
A gente da cor era verdadeira
Que Fáeton, nas terras acendidas,
Ao mundo deu, de ousado e não prudente
(O Pado o sabe, e Lampetusa o sente).

Estas esteiras de folha de palma deviam ser feitas, muito provavelmente, das folhas flabeliformes de *Borassus aethiopum* Mart., uma palmeira relativamente comum nas baixas planícies do litoral central de Moçambique. Actualmente, as velas dessas embarcações (pequenos batéis, os sambucos, de influência indo-árabe, de 2 velas e semelhantes às nossas caravelas) são feitas de “estopa” de sacos de farinha ou de pano. Na área de Matibane (cerca da ilha de Moçambique) são feitas das folhas flabeliformes de outras espécies de palmeiras pertencentes ao género *Hyphaene*, também comuns nessas regiões. Francisco Manuel de Mello (Conde de Ficalho, 1890)¹³ sugere que a palma usada para as velas pudesse também ser das folhas flabeliformes de *Borassus flabellifer* L., uma palmeira da Índia, utilizada para esse fim no litoral indiano. Na realidade, sabe-se que ainda há cerca de um século, os indianos, aproveitando os ventos das monções, iam em barcos à vela, aos mangais do litoral tanzaniano e moçambicano colher madeira para fabrico de habitações. Desta maneira, poderiam ter fornecido, por permuta, esteiras da palmeira indiana aos pescadores moçambicanos. É uma hipótese, mas pouco plausível. Na nossa opinião, os africanos copiaram as velas indianas, utilizando as palmeiras nativas de folhas flabeliformes (*Borassus aethiopum* Mart.) como as da palmeira indiana (*Borassus flabellifer* L.).

13 Conde de FICALHO, *Flora dos Lusiadas*. Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1880.

Outra palmeira citada por Camões (Canto VIII, 24 e Canto X, 42) é a tamareira (*Phoenix dactylifera* L.), já referida pelos “físicos” gregos, nos textos bíblicos, corânicos e por Garcia de Orta (Colóquio Quinquagesimo Terceiro), pela sua importância alimentar e religiosa:

A Dom Mateus, o Bispo de Lisboa,
Que a coroa de palma ali coroa. (VIII, 24)
“Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que Vitória a fronte lhe coroa,
Quando, sem sombra vã de medo ou pejo,
Toma a ilha ilustradíssima de Goa, (X, 42)

Como não podia deixar de ser, Camões refere também o aloé (Canto X, 137). Mas cita o aloé da ilha Socotra (Iémen) e não o *Aloe vera* (L.) Burm. f., o mais conhecido e citado aloé, desde a Antiguidade Grega e Tempos Bíblicos.

Verás defronte estar do Roxo Estreito
Socotorá, co’o amaro aloés famosa;

Este aloé de Socotra, já é referido por Aristóteles, que pretendeu que o Imperador Alexandre conquistasse esta ilha, por saber que ali havia muito aloé, de que necessitava para tratar as feridas dos soldados, pois é um bom cicatrizante. Na realidade, o Imperador, ao regressar da Índia, desterrou os habitantes da ilha de Socotra, fundando ali uma colónia grega para cultivarem os aloés.

Esta planta tem sido erradamente identificada como *Aloe socotrina* Lam. (ex Ficalho, 1890), aliás, um nome latino inexistente, por suporem tratar-se do *Aloe succotrina* Lam., que não é nativo de Socotra.

Mas, além de se confundir *Aloe vera* (L.) Burm.f. com os aloés da ilha de Socotra (*Aloe perryi* Bak. e *Aloe forbesii* Bak. f.), comercialmente utilizados para extrair a socotrina (*tâyef*, na ilha; *saber* ou *sabr* ou *sabbara* em árabe), também se tem confundido com *Aloe succotrina* Lam., nativo da província do Cabo da África do Sul, não só por se julgar que o restritivo específico é referente a Socotra, como também porque Philip Miller, em 1758, lhe chamou *Aloe vera* Mill. (*non* L.). O epíteto *succotrina* nada tem a ver com a ilha de Socotra; o termo deriva de sucocitrina, produto químico do suco das folhas deste aloé originário da África do Sul.

Desde que o frade franciscano Romano Zago, um brasileiro de São Francisco de Assis (Rio Grande do Sul, Brasil), na altura professor de Filosofia e de Latim no Convento de San Salvatore, em Jerusalém, deu a sua primeira grande entrevista à revista argentina “Floreillas de Tierra Santa”, por ter curado a leucemia de Geraldito, uma criança argentina, o cancro de Linda, irmã de

uma amiga da freira Silvana, da Comunidade de Aida (Israel) e o cancro de Frei Rafael Caputo, director de uma Escola eclesiástica na Terra Santa, há cerca de uma dúzia de anos que se criou a panaceia do *Aloe vera*. Seguiram-se muitas mais entrevistas, conferências e curas milagrosas, tendo até o frade Romano Zago vindo a Portugal onde proferiu conferências no Porto, Coimbra, Odivelas e Lisboa, tendo sido entrevistado pelas emissoras de Rádio e Televisão.

A panaceia foi tal que em 1995-1996, quase desapareceram os aloés, que até não são *Aloe vera* (L.) Burm.f., mas, geralmente, *Aloe arborescens* Mill., dos jardins públicos de Portugal, pois as pessoas, tomadas de uma loucura colectiva, utilizavam o suco das folhas de qualquer aloé, na tentativa de tratarem qualquer tipo de doença e, até, apenas como uma espécie de vacina, mesmo sem estarem doentes. Formavam-se filas à porta do Convento dos Franciscanos em Lisboa, para compra do remédio milagroso. Não sei se esta romaria já parou, passados que são mais de uma dúzia de anos de muitas desilusões. Publicaram-se muitos artigos, plenos de erros, particularmente na identificação das espécies de *Aloe*, até recentemente, em revistas de divulgação e em livros sobre plantas medicinais, sendo alguns desses textos de autoria de pessoas com grandes responsabilidades, por efectuarem investigação científica com plantas medicinais.

Nessa altura alertei para o logro em que as pessoas tinham caído, através de entrevistas e vários artigos de divulgação e na televisão, mas sem grandes resultados. Indivíduos sem escrúpulos continuam a vender gato por lebre, comercializando outras espécies de aloés como sendo *Aloe vera* (L.) Burm.f., que é muito pouco cultivado nos jardins de Portugal. Apenas tenho conhecimento de explorações agrícolas extensivas de *Aloe vera* (L.) Burm.f. em Portugal, no Algarve (concelhos de Portimão e de Vila do Bispo).

Como os aloés têm folhas suculentas (crassas), erroneamente, com muita frequência, designam-nos por cactos, um lapso “crasso”. Os verdadeiros cactos, são, na realidade, plantas crassas (suculentas), geralmente afilas (sem folhas) e com espinhos, que constituem a família das Cactáceas, com cerca de 2000 espécies nativas das estepes americanas (América do Norte, Central e do Sul; apenas um género fora da América), tendo sido introduzidos, por cultivo, noutras regiões do Globo, onde algumas espécies se naturalizaram e adaptaram tão bem que se tornaram invasoras, como aconteceu, por exemplo, com a figueira-da-índia [*Opuntia ficus-indica* (L.) Mill.], uma cactácea originária do México e não da Índia, como erroneamente o epíteto específico leva a crer.

Há cerca de 350 espécies de aloés, das quais quase metade (140) é nativa de África, sendo as restantes de Madagascar, Socotra, Região Mediterrânica, Arábia, Índia e China.

O verdadeiro *Aloe vera* (L.) Burm.f. é nativo do Nordeste de África e, muito provavelmente, também da Arábia. É utilizado como medicinal há milhares de anos, havendo testemunhos disso desde 1500 anos a. C., no Egipto (“Papyrus Ebers”, Universidade de Leipzig), referindo alguns autores que o encanto e beleza de Cleópatra se devia ao uso do “gel” de aloé.

O *Aloe vera* foi muito apreciado, como planta medicinal, pelos “físicos” gregos, como refere Hipócrates (ca. 460-370 a. C.) no seu *De herbis*, Teofrasto (370-285 a. C.) em *Historia plantarum* e descrito por Dioscórides em *De materia medica*. O *Aloe vera* (L.) Burm.f., actualmente, está naturalizado na Região Mediterrânica, Macaronésia (Madeira, Açores, Canárias e Cabo Verde), América Central e do Sul.

Sendo utilizado desde antes de Cristo, não admira que o *Aloe vera* (L.) Burm.f. seja referido nos textos bíblicos. Mas, nem todas as referências a aloés nas diversas edições da Bíblia são verdadeiros aloés. Os aloés citados no Antigo Testamento (Salmos 45:9; Provérbios 7:17; Cântico dos Cânticos 4:14) são plantas que não pertencem ao género *Aloe*. Aí são referidas como plantas aromáticas, conjuntamente com a mirra [*Commiphora myrrha* (Nees) Engl.], a caneleira do Ceilão (*Cinnamomum vera* Nees) e a caneleira da China [*Cinnamomum cassia* (L.) J.Presl], que até são referidas como árvores (Cântico dos Cânticos 4:14) e o *Aloe vera* é uma erva não aromática. Esse aloé citado no Antigo Testamento é uma árvore muito aromática, a *Aquilaria malaccensis* Lam. (*ahaloth*, em Hebraico), a que os gregos chamam *xylaloe* e a que Garcia de Orta dedica um Colóquio (Trigesimo; Do *linaloes*) e também chama *agalugem* e que, portanto, Camões também refere n’*Os Lusíadas* (Canto X, 129).

“Vês: corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata é do pau cheiroso ornada;

Por isso, quando traduziram os textos em hebraico do Antigo Testamento para grego, à *ahaloth* chamaram (muito bem) *xylaloe*. Ao traduzirem a Bíblia do grego para latim, traduziram (erroneamente) *xylaloe* para *aloe*. *Aloe vera* é uma erva, não aromática, com propriedades cicatrizantes, e é o aloé referido no Novo Testamento (João 19:39). Aqui, refere-se que envolveram o corpo de Jesus com ligaduras e uma mistura de mirra [*Commiphora myrrha* (Nees) Engl.] e aloés [cerca de 100 libras (45-50 kg), levadas por Nicodemos], para o sepultarem, como era costume entre os judeus. Estes aloés são o *Aloe vera* (L.) Burm.f. ou, pouco provavelmente, *Aloe perryi* Bak. e *Aloe forbesii* Bak. f., nativos da ilha de Socotra e muito confundidos com o *Aloe vera*. Actualmente, ainda persiste esse hábito de envolverem (embalsamarem) os mortos com aloés e outras plantas (particularmente aromáticas, pois muitas delas são anti-sépticas), não só em Israel, como também entre os árabes.

Após os descobrimentos, o *Aloe vera* foi introduzido no Novo Mundo, provavelmente pelos espanhóis, a partir de plantas levadas das Canárias. Naturalizou-se rapidamente nas Índias Ocidentais (Barbados, Jamaica, Antígua, Porto Rico), na América Central (México, Nicarágua) e na América do Sul (Peru, Bolívia, Venezuela). Por isso, Philip Miller (1768) designou por *Aloe barbadensis* Mill., uma planta supostamente nativa da ilha dos Barbados, que não é mais do que o *Aloe vera* (L.) Burm.f.

Infelizmente, essa confusão persiste ainda hoje, com a agravante de andarem a chamar *Aloe barbadensis* Mill. a um *Aloe* que não é o verdadeiro *Aloe barbadensis* Mill., isto é, que não é *Aloe vera* (L.) Burm.f. O pior é que essas confusões até aparecem em livros sobre plantas medicinais de autores com grandes responsabilidades, por fazerem investigação científica na área química das plantas medicinais. Não admira, pois, que nesses livros se apresentem produtos químicos diferentes para o *Aloe barbadensis* Mill e para o *Aloe vera* (L.) Burm.f., pois *Aloe barbadensis* Mill. que referem não é o autêntico e, portanto, não é o *Aloe vera* (L.) Burm.f.¹⁴

Na África do Sul, começou, há já alguns anos, a utilizar-se como fonte comercial de produtos dos aloés, uma planta muito comum nos jardins desse país, o *Aloe arborescens* Mill. Inicialmente extraíam os produtos químicos do *Aloe vera* (L.) Burm.f., mas como o *Aloe arborescens* Mill. é não só largamente cultivado como ornamental, como também é nativo e bastante comum na Natureza daquele país, passaram a utilizar, para a obtenção do suco de aloé, este último em vez do *Aloe vera* (L.) Burm.f., que ali tinham que cultivar. Porém, não só a composição química do suco dos dois aloés é diferente, como também, como é evidente, as qualidades terapêuticas das duas espécies sejam igualmente diversas.

Aloe arborescens Mill. é nativo do sudoeste e sul de África (Zimbabwe, Malawy, Moçambique e África do Sul) e é muito utilizado como ornamental nas regiões temperadas do Globo, estando, actualmente, naturalizado em muitas regiões fora da respectiva área nativa, como no sudoeste da Região Mediterrânica (Sul de França, Espanha e Portugal).

Em Portugal (e não só), infelizmente, muita gente e herbanários sem escrúpulos, utilizam o *Aloe arborescens* Mill., como fonte do suco de aloé, para o comercializarem como se fosse o suco do verdadeiro *Aloe vera* (L.) Burm.f.

Gilbert Reynolds (1895-1967) foi o mais eminente especialista do género *Aloe*, tendo publicado duas excelentes monografias (1950 e 1966)¹⁵, profusamente ilustradas com fotografias e desenhos a cores, pois ele observou vivas a maioria das espécies, muitas delas cultivadas nos jardins das suas residências na África do Sul e na Suazilândia. Este autor e Robert Compton (1886-1979), que foi director do Jardim Botânico de Kirstenbosch (África do Sul), durante a década de 70 do século passado, alertaram para o facto de se estar a comercializar gato por lebre, elucidando que o suco das folhas das duas espécies tinha composição química diferente e, portanto, propriedades medicinais também distintas. O suco das folhas dos aloés é um bom cicatrizante, virtude que nós próprios já constatamos e que é conhecida há muitos séculos, tanto que, na Antiga Grécia, Aristóteles utilizou as folhas de *Aloe vera* (L.) Burm.f. para tratamento dos ferimentos dos soldados gregos. Porém, enquanto o suco das folhas do *Aloe arborescens* Mill.

14 A. Proença da CUNHA, A. P. da SILVA, O. R. ROQUE, *Plantas e produtos vegetais em fitoterapia*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

15 G. W. REYNOLDS, *The Aloes of South Africa*. Johannesburg, Aloes of South Africa Book Fund, 1950; Idem, *The Aloes of Tropical Africa and Madagascar*. Mbabane, The Trustees. The Aloes Book Fund, 1966.

é eficaz no tratamento de queimaduras (até as devidas a Raios X), o do *Aloe vera* (L.) Burm.f. não o é. Como na literatura fitoterápica se têm confundido várias espécies de *Aloe*, têm sido atribuídas ao *Aloe vera* virtudes que não possui.

Encontram-se referências ao uso do *Aloe vera* no tratamento de cancros, mas, pessoalmente, não conheço nenhum trabalho científico demonstrativo de tal atributo desta planta. Por outro lado, também não conheço nenhum caso de cura de cancro de doentes que se trataram exclusivamente com o suco “milagroso”, parando com todos os outros tratamentos que seguiam por indicação médica, como a quimioterapia e a radioterapia. Antes pelo contrário, conheci pessoas cancerosas, tanto em Portugal, como no estrangeiro, que se trataram com *Aloe vera* e morreram de cancro.

Na referida literatura encontram-se mencionadas muitas outras virtudes dos aloés, além das que acabamos de referir, tais como colagogas, emenagogas, vermífugas, repelentes de insectos, estimulantes, laxativas, no tratamento da meningite, conjuntivite crónica, blefarite, obstipação, ictiose, várias outras doenças cutâneas, úlceras e até, inimaginável, no tratamento da esterilidade. Enfim, os aloés curam todos os males!...A panaceia foi (e continua a ser) de tal ordem que, em 1996, até houve quem tivesse a desfaçatez de propor os aloés como as Plantas do Ano em Portugal.

Há imensas falsidades difundidas acerca destas plantas, como também, na grande maioria dos casos, se está a vender como *Aloe vera* (L.) Burm.f., outras espécies de *Aloe*, particularmente o *Aloe arborescens* Mill., que é o mais comumente cultivado nos nossos jardins, o que é grave, pois o suco deste último é laxativo e pode provocar reacções alérgicas.

Se o *Aloe vera* ou qualquer outra planta tivesse as propriedades oncológicas propagadas, as grandes multinacionais da indústria farmacêutica não deixavam de explorar tal filão, nem o deixavam entregar em mãos alheias. Aliás, a indústria sem escrúpulos, já explora este filão, pois encontram-se à venda produtos de cosmética (cremes, sabonetes, loções, águas de colónia, etc... até loções para a queda do cabelo...) fabricados por multinacionais como sendo à base de *Aloe vera*, não o sendo, na maioria dos casos.

O pior é que até na indústria alimentar já estão à venda alimentos com “*Aloe vera*”. Considero um crime para a saúde pública, permitir-se a venda dos iogurtes com “*Aloe vera*”. Não sei se têm suco do *Aloe vera*, mas se o têm, é criminoso permitir-se que crianças comam um alimento com um cicatrizante poderoso, sem terem qualquer infecção, fazendo com que o organismo da criança perca resistências a futuras infecções. A Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Instituto Nacional de Farmácia e do Medicamento (INFARMED) não permitem a comercialização de medicamentos não comprovados cientificamente. Por isso, não há à venda medicamentos à base do “*Aloe vera*” para tratamento de cancros. A indústria de cosméticos é uma indústria sem regras que explora a vaidade das pessoas. A indústria de plantas medicinais e os “herbanários” também não têm regras e exploram a

ingenuidade das pessoas. Mas a indústria alimentar é controlada pela Agência de Segurança Alimentar e Económica (ASAE). Por isso, não se entende como se encontram à venda iogurtes com “*Aloe vera*”.

O verdadeiro *Aloe vera* (L.) Burm.f. distingue-se bem de todos os outros *Aloe* com os quais o confundem, deliberadamente ou não, pois tem flores amarelas e os outros não. *Aloe perryi* Bak. e *Aloe forbesii* Bak.f., nativos da ilha Socotra, têm flores cor de salmão, que amarelecem depois da antese (abertura das flores), amarelecendo da base para o cimo da inflorescência; *Aloe succotrina* Lam., da África do Sul, tem flores avermelhadas e *Aloe arborescens* Mill., do sudoeste e sul de África, tem flores escarlate. Além disso, o hábito das plantas e as inflorescências também são diferentes. Geralmente *Aloe arborescens* Mill. e *Aloe succotrina* Lam. são subarbustivos e têm as inflorescências simples (pedúnculos não ramificados), ao passo que *Aloe vera* (L.) Burm.f., *Aloe perryi* Bak. e *Aloe forbesii* Bak.f. são herbáceos e com as inflorescências 2-3-ramificadas. Na presença unicamente das folhas não é fácil distingui-los, daí as trapaças de muitos indivíduos gananciosos e sem escrúpulos.

A fundamental razão que levou os portugueses a desejarem a posse de Timor, uma das denominadas ilhas de sândalo, foi a riqueza das suas florestas em sândalo (*Santalum album* L.), uma árvore de madeira considerada preciosa, aromática e muito utilizada medicinalmente desde tempos remotos. Actualmente, ainda é muito apreciada e utilizada, particularmente nos países asiáticos, para o fabrico de produtos cosméticos aromatizados (sabonetes, loções, etc.). Garcia de Orta refere-a várias vezes nos seus *Colóquios*, assim como Camões n’*Os Lusíadas* (Canto X, 134):

“Ali também Timor, que o lenho manda
Sândalo, salutífero e cheiroso;

Durante a ocupação indonésia de Timor, as florestas de sândalo foram praticamente dizimadas, decorrendo, actualmente, um programa de cooperação portuguesa com reprodução de sândalos em viveiros. Não é fácil a produção de sândalo para reflorestação, por ser uma planta semi-parasita, necessitando, por isso de um hospedeiro lenhoso.

Finalmente, referimos apenas mais uma planta camoniana d’*Os Lusíadas*, não só por ser aromática e medicinal, como também e principalmente por ser do seu nome latino (*Laurus nobilis* L.) [*laurus*; em grego Δάφνη (dafne)] que derivou o termo vencedor laureado. A planta não só foi consagrada ao deus Apolo, como também era com ramos de loureiro que se coroavam os Imperadores romanos e os vencedores. Assim, tal como os ramos de oliveira simbolizam paz, os ramos de louro (*Laurus nobilis* L.) simbolizam vitória ou vencedor. É por isso que se representa quase sempre a figura de Camões com uma coroa de louros. É com essa simbologia que o poeta o refere n’*Os Lusíadas* (Canto III, 97):

Quanto pode de Atenas desejar-se
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva;
Aqui as capelas dão tecidos de ouro,
Do báculo e do sempre verde louro.

Claro que é também uma planta referida pelo poeta na Lírica, mas com outro sentido, tanto no já referido soneto:

Depois que viu Cibele o corpo humano
Do formoso Átis, seu verde pinheiro,
Em piedade o vão furor primeiro
Convertido, chorou seu grave dano.
E, fazendo a sua dor ilustre engano,
A Júpiter pediu que o verdadeiro
Preço da nobre palma e do loureiro
Ao seu pinheiro desse, soberano.

Como na ode a D. Manuel de Portugal:

A quem darão de Pindo as moradoras,
Tão doudas como belas,
Florescentes capelas
Do triunfante louro ou mirto verde,
Da gloriosa palma, que não perde
A presunção sublime,
Nem por força de peso algum se oprime?

Referimos algumas plantas invulgares e algumas curiosidades das plantas mencionadas por Camões n'Os *Lusíadas*, mas muito mais há a dizer. Porém, resultaria um trabalho extremamente longo e preferimos apresentar uma lista com todas as plantas citadas na obra épica camoniana.

PLANTAS DA LÍRICA

Na Lírica, Camões cita principalmente e como era previsível, flores e plantas campestres portuguesas, com a excepção de duas plantas asiáticas, o coco das Seychelles [*Lodoicea maldivica* (J. F. Gmel.) Pers.] e a árvore-triste (*Nyctanthes arbor-tristis* L.).

Muitas dessas plantas ocorrem nos campos do Mondego, por onde Camões, provavelmente, passeou quando esteve em Coimbra (1535-1544). Segundo J. H. Saraiva¹⁶, Camões foi aio daquela que foi a sua grande paixão (platónica?), Violante de Andrade, casada com Francisco de Noronha e que residiam em S. Martinho do Bispo, povoação da margem esquerda do Mondego, fronteira a Coimbra. Que Violante tivesse constituído uma paixão marcante na vida do poeta, parece presumível pelo teor de alguns dos seus poemas, embora ele devesse ter tido o cuidado de evitar citar o nome dela. Também é de referir que na época em que Camões viveu (século XVI), os poetas referiam, por vezes, flores nos seus poemas amorosos (Natividade, 1970; Ventura, 1928-1936), como, por exemplo, Garcilaso de la Vega (1501-1536), que refere, por exemplo, a rosa e a açucena no soneto “En tanto que de rosa y azucena”; o lírio e a rosa na écloga a Salicio “el blanco lirio y colorada rosa” e até a violeta na ode “a la flor de gnido” (y cómo por ti sola, / y por tu gran valor y hermosura, / convertido en viola, / llora su desventura / el miserable amante en tu figura.). Mas, Camões não só o faz utilizando habilidades, transformando engenhosamente o termo viola em Violante, como refere várias vezes Violante nos seus poemas amorosos.

Há, pelo menos, dois sonetos onde Camões revela, claramente, o nome da sua apaixonada. Num deles, utiliza os seus referidos malabarismos linguísticos:

Num jardim adornado de verdura,
A que esmaltam por cima várias flores,
Entrou um dia a Deusa dos amores,
Co'a Deusa da caça e da espessura.
Diana tomou logo ãa rosa pura,
Vénus um roxo lírio, dos melhores;
Mas excediam muito às outras flores
As violas na graça e fermosura.
Perguntam a Cupido, que ali estava,
Qual daquelas três flores tomaria,
Por mais suave, pura e fermosa.
Sorrindo-se, o Menino lhe tornava:
-Todas fermosas são; mas eu queria
Viol'antes que lírio, nem que rosa.

16 Cf. J. H. SARAIVA, *Vida ignorada de Camões*, op. cit., pp. 80-85; 121-136.

Noutro soneto, escreve claramente o nome dela:

A violeta mais bela que amanhece
No vale, por esmalte da verdura,
Com seu pálido lustre e fermosura,
Por mais bela, Violante, te obedece.
Perguntas-me porquê? Porque aparece
Em ti seu nome e sua cor mais pura;
E estudar em teu rosto só procura
Tudo quanto em beldade mais florece.
Oh luminosa flor, oh Sol mais claro,
Único roubador do meu sentido,
Não permitas que Amor me seja avaro!
Oh penetrante seta de Cupido,
Que queres? Que te peça, por reparo,
Ser, neste vale, Eneias desta Dido?

Note-se que Camões, neste último verso refere nitidamente o vale do Mondego, quando diz “neste vale”.

O nome de Violante também está bem expresso num poema publicado pela primeira vez em 1861 e que Juromenha classificou como Écloga XIV (*Nas ribeiras do Tejo, a uma areia...*) e que muitas edições modernas de obras de Luís de Camões (e. g. Costa Pimpão, 2005; Hernâni Cidade, 2005) omitem com o fundamento de descoberta tardia:

No bosque a Violante vi um dia,
Doce princípio destas doces dores;
A flor caía nela e parecia
Dizer caíndo: aqui reinam amores!
Humilde em tanta glória, ela se ria
E errando iam sobre ela várias flores.
Eu, que vencido fui dum error cego,
Àquele honesto riso est'alma entrego.”

Aliás, a primeira vez que Camões refere o nome desta sua grande paixão, é num soneto escrito em galego e que talvez seja o mais antigo testemunho das iniciais tentativas literárias do poeta (Saraiva, 1982):

A lá en Monte Rei, en Bal de Laça
A Biolante bi, beira de um rio,
Tão fermosa en berdá, que quedé frio
De ber alma imortal en mortal maça!
De um alto e lindo copo a seda laça
A pastora sacaba, fio a fio.
Quando lhe disse: Morro! Corta o fio!
Bolbeu: Não cortarei! Seguro passa!
- E como passarei, se eu acá quedo?
Se passar, respondi, não bou seguro
Que este corpo sem alma morra cedo!
- Com a minha, que lebas, te asseguro
Que não morras, Pastor! – Pastora hei medo,
O quedar me parece mais seguro!

Durante muitas dezenas de anos esta paixão de Camões permaneceu desconhecida, pois a partir do primeiro biógrafo (Pedro de Mariz, vinculado à família Noronha) ela foi não só convenientemente ignorada (Mariz omitiu os primeiros 25 anos de vida de Camões) devido à posição social do casal Noronha, como também houve biógrafos que inventaram amores inexistentes, de modo a desacreditar-se esta verdadeira paixão do poeta, como foi o caso de Diogo Paiva de Andrade, que pretendeu mostrar que a amante de Camões não fora a sua tia Violante, mas uma Catarina de Ataíde.

Por se terem escrito muitas falsidades sobre a vida do poeta, actualmente não só se sabe muito pouco sobre factos reais, como também o que se pode elaborar são meras conjecturas conseguidas de interpretações retiradas da sua obra poética (Épica e Lírica), teatro e cartas.

Efectivamente, os tempos de Coimbra e essa paixão por Violante, parecem ter marcado profundamente a vida do poeta. A tal ponto, que em vários poemas ele refere saudosamente o Mondego e até n'Os *Lusíadas*, como no episódio de Inês de Castro (Canto III, 120):

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo o doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a Fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

Claro que era ele que tinha saudades dos campos do Mondego (estava na Ásia, quando escreveu *Os Lusíadas*) e não Inês de Castro, assassinada em 1355 (7 de Janeiro). Reparar, também, que ele refere as “ervinhas” dos campos do Mondego, que ele cita em muitos poemas da Lírica, pois devia conhecê-las dos campos do Mondego, como, por exemplo as boninas (*Bellis* sp.) e as rosas das roseiras bravas (*Rosa* sp.) na Redondilha “A uma mulher que se chamava Grácia de Morais”:

Vêem-se rosas e boninas,
Olhos, nesse vosso ver;
Vêem-se mil armas arder
No fogo dessas meninas.

E que também refere no episódio de Inês de Castro (Canto III, 134):

Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo, foi cândida e bela,
Sendo das mãos lascivas mal tratada
Da menina que a trouxe na capela,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está morta, a pálida donzela,
Secas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor co'a doce vida.

Há, pelo menos, duas espécies de boninas (actualmente designamo-las por margaridas), *Bellis perennis* L. e *Bellis sylvestris* Cirillo e duas de roseiras, *Rosa canina* L. e *Rosa sempervirens* L., nos campos que marginam o Mondego em S. Martinho do Bispo, onde residia Violante.

Há várias alusões na Lírica a essa época apaixonante que o poeta viveu nos campos do Mondego, como, por exemplo, na canção da autobiografia poética:

Vão as serenas águas
Do Mondego descendo,
Mansamente, que até ao mar não param;
Por onde minhas mágoas,
Pouco a pouco crescendo,
Pera nunca acabar se começaram.

—

Nesta florida terra
Leda, fresca e serena,
Ledo e contente para mim vivia,
Em paz, com minha guerra,
Contente com a pena
Que de tão belos olhos procedia...

Assim como no soneto em que refere o rio e a bela amada:

Doces águas e claras do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida e pérfida esperança
Longo tempo após si me trouxe cego;
De vós me aparto; mas, porém, não nego
Que inda a memória longa, que me alcança,
Me não deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo, mais me achego.
Bem pudera Fortuna este instrumento
D'alma levar por terra nova e estranha,
Oferecido ao mar remoto e vento;
Mas alma, que de cá vos acompanha,
Nas asas do ligeiro pensamento,
Para vós, águas, voa, e em vós se banha.

Outras flores de plantas que vegetam nos campos do Mondego, são frequentemente referidas por Camões nos seus poemas, como, por exemplo, lírios (*Iris* sp.), cravos (*Dianthus* sp.), jasmim (*Jasminum* sp.), jacintos [*Hyacinthoides hispanica* (Mill.) Rothm.], andorinhas (*Chelidonium majus* L.), abrolhos (*Tribulus terrestris* L.) e violetas (*Viola* sp.).

Eis alguns exemplos na Lírica:

Sonetos (um dos dedicados a Violante)

Num jardim adornado de verdura,
A que esmaltam por cima várias flores,
Entrou um dia a Deusa dos amores,
Co'a Deusa da caça e da espessura.
Diana tomou logo ãa rosa pura,

Vénus um roxo lírio, dos melhores;
Mas excediam muito às outras flores
As violas na graça e fermosura.
Perguntam a Cupido, que ali estava,
Qual daquelas três flores tomaria,
Por mais suave, pura e mais fermosa.
Sorrindo-se, o Menino lhe tornava:
-Todas fermosas são; mas eu queria
Viol'antes que lírio, nem que rosa.

Éclogas (D. António de Noronha)

Porque escondes a luz do Sol à gente,
Que nesses olhos trazes, bela e pura?
Mais bela, mais suave e mais fermosa,
Que o lírio, o jasmim, o cravo e a rosa?

Éclogas (Duriano)

Por ti, a noite escura me contenta;
Por ti, o claro dia me aborrece;
Abrolhos pera mim são frescas flores;
A doce filomela me entristece;
Todo contentamento me atormenta
Co'a contemplação de teus amores;
As festas dos pastores,
Que podem alegrar toda a tristeza.

Odes

Já a calma nos deixou
Sem flores as ribeiras graciosas;
Já de todo secou
Os cravos, lírios e as purpúreas rosas;
Fogem da calma grave os passarinhos
Pera o sombrio amparo de seus ninhos.

—

O campo não o esmaltam
Flores, mas só abrolhos
O fazem feio; e cuida que lhe faltam
Ouvidos pera mim, pera vós olhos.
Mas faça o que quizer o vil costume;
Que o Sol, que em vós está,
Na escuridão dará mais claro lume.

Elegias

Se não tem as delícias de Corinto,
E se de Páριο os mármoreos lhe faltam,
O piropo, a esmeralda e o jacinto;
Se suas casas de ouro não se esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus, comendo, saltam.

Redondilhas (carta a uma dama)

Se alguém os olhos quiser
Às andorinhas quebrar,
Logo a mãe, sem se deter,
Õa erva lhe vai buscar
Que lhe faz outros nascer.

Redondilhas (votas a mote alheio)

As flores me torna abrolhos,
A morte me determina
Quem eu trouxe de menina
Nas meninas dos meus olhos.

Redondilhas (votas a mote)

Vi terra florida
De lindos abrolhos
Lindos pera os olhos,

Duros pera a vida;
Mas a rês perdida
Que tal erva pasce
Em forte hora nasce.

Que a flora dos campos do Mondego fazia parte da observação quotidiana do poeta, é também testemunhada pela referência nos seus poemas de árvores da floresta ripícola das margens do rio, como, por exemplo, salgueiros (*Salix* sp.), freixos (*Fraxinus angustifolia* Vahl), ulmeiros (*Ulmus minor* Mill.) e choupos ou álamos (*Populus* sp.), assim como as silvas (*Rubus* sp.) que orlam os nossos campos e florestas.

Redondilhas (Babel e Sião)

Assim, depois que assentei
Que tudo o tempo gastava,
Da tristeza que tomei,
Nos salgueiros pendurei
Os órgãos com que cantava.

Éclogas (Frondelio)

Aquele dia, as águas não gostaram
As mimosas ovelhas, e os cordeiros
O campo encheram de amorosos gritos.
Não se dependuraram dos salgueiros
As cabras, de tristeza, mas negaram
O pasto a si, e o leite aos cabreiros.

Éclogas (Agrário)

Estava o triste amante recostado,
Chorando ao pé de um freixo o triste caso
Que o falso amor lhe tinha destinado.

Éclogas (dos Faustos)

Entre as ervas dos prados
Não há machos e fêmeas conhecidas,
E junto ãa da outra permanece?
Não estão carregados
Os ulmeiros das vides retorcidas,
Onde o cacho enforcado amadurece?
Destarte vão as Ninfas, que, deixando
De seu despojo os ramos carregados,
Nuas por entre as silvas vão voando.

Éclogas (Ao duque de Aveiro)

Embebido num longo esquecimento
De si e do seu gado e pobre fato,
Após um doce sonho e fingimento,
Rompendo as silvas hórridas do mato,
Vai por cima de outeiros e penedos,
Fugindo, enfim, de todo humano trato.

Éclogas (Umbrano)

Toca Frodélío, toca a doce lira;
Que, daquele verde álamo sombrio,
A branda filomela, entristecida,
Ao saudoso canto te convida.

Éclogas (Agrário)

Seus furiosos touros coroava,
E nos álamos altos escrevia
Teu nome, Enone, quando a ti só amava.

Odes

Meneia os altos freixos
A branda viração, de quando em quando,
E, de entre os vários seixos,
O líquido cristal sai murmurando;
As gotas, que das alvas pedras saltam,
O prado, como pérolas, esmaltam.

Como também cita árvores características dos carvalhais, de que ainda existem resquícios em S. Martinho do Bispo, como carvalhos (*Quercus* sp.), castanheiros (*Castanea sativa* Mill.) e faia (*Fagus sylvatica* L.), alguns arbustos, como a murta ou mirto (*Myrtus cummunis* L.), a aveleira (*Corylus avellana* L.), o zambujeiro [*Olea europaea* L. var. *sylvestris* (Mill) Lehr] e as, já referidas, silvas (*Rubus* sp.):

Éclogas (Ao duque de Aveiro)

Que razão há, pastor, porque te saias
Pero nosso escamoso e vil terreno
Dos mil floridos mirtos e altas faias?
Fermosa Dinamene, se dos ninhos
Os implumes penhores já furtei
À doce filomela, e dos murtinhos
Pera ti, fera! As flores apanhei;
E quaisquer o seu vate coroaram
De capelas idóneas e fermosas,
Que as Ninfas lhe teceram e ordenaram:
A Agrário, de murtinhos e de rosas;

Éclogas (À morte D. António de Noronha) (Frondelio)

Que vejo este carvalho, que queimado
Tão gravemente foi do raio ardente,
Não seja ora prodígio que declare
Que o bárbaro cultor meus campos are.

(Umbrano)

Enquanto do seguro azambujeiro
Nos pastores de Luso houver cajados,
E o valor antigo, que primeiro
Os fez no mundo tão assinalados,
Não temas tu, Frondélio companheiro,
Que em nenhum tempo sejam subjugados,
Nem que a cerviz indómita obedeça
A outro jugo algum que se ofereça.

Éclogas (dos Faustos)

Porém a espessa mata, mensageira
Da futura cilada, co'o rugido
Dos raminhos d'ua áspera aveleira,
Mostrando a um dos Deuses escondido,
Todas tamanha grita alevantaram,
Como se fosse o monte destruído.

Sonetos

A fermosura desta fresca serra
E a sombra dos verdes castanheiros,
O manso caminhar destes ribeiros,
Donde toda a tristeza se desterra;
O rouco som do mar, a estranha terra,
O esconder do sol pelos outeiros,
O recolher dos gados derradeiros,
Das nuvens pelo ar a branda guerra;

Assim como flores ornamentais já vulgarizadas na época, como a açucena ou cecém (*Lilium candidum* L.) e rosas (*Rosa* sp.):

Sonetos

Tornai essa brancura à alva açucena,
E essa purpúrea cor às puras rosas;
Tornai ao Sol as chamas luminosas
Dessa vista que a roubos vos condena.
Tornai à suavíssima Sirena
Dessa voz as cadências deleitosas;
Tornai a graça às Graças, que queixosas
Estão de a ter por vós menos serena;

Na Lírica refere ainda algumas (muito poucas) plantas utilizadas na alimentação como repolhos (*Brassica oleracea* L. var. *capitata* L.), alhos (*Allium sativum* L.), alface (*Lactuca sativa* L.) e condimentares como a manjerona (*Origanum majorana* L.) e hortelã (*Mentha arvensis* L.).

Redondilhas (a quarta, a João Lopes Leitão)

Tendes nem migalha assada,
Cousa nenhũa de molho,
E nada feito em empada,
E vento de tigelada,
Picar no dente em repolho,
De fumo tendes tassalhos;
Ave de pena que sente
Quem da fome anda doente;
Bocejar de vinho e de alhos,
Manjar em branco excelente.

Odes

Pelo moço escolhido,
Onde mais se mostravam as três Graças;
Que Vénus escondido
Pera si teve um tempo entre as alfaças,
Pagou co'a morte fria
A má vida que a muitos já daria.

Éclogas (dos Faustos)

Ali se vêem os mirtos circunstantes
Que a cristalina Vénus encobriram
Da companhia dos Faustos petulantes;
Hortelá, manjerona ali respiram
Onde nem frio Inverno ou quente Estio
As murcharam jamais, ou secas viram.

Finalmente, Camões refere na Lírica (Redondilhas) uma planta asiática e aromática, igualmente alusiva ao amor, mas que não encontramos referida n’*Os Lusíadas*, que é a árvore-triste (*Nyctanthes arbor-tristis* L.), cujas flores (brancas e aromáticas) só abrem à noite. Sendo uma planta aromática, os asiáticos usam-na em fitoterapia e aromatizam a comida com as flores. Por as flores abrirem apenas de noite, algumas regiões asiáticas tem algum significado mitológico, mas Camões, na Lírica refere-a com o habitual sentimento amoroso.

(Carta a uma dama)

Õa árvore se conhece
Que, na geral alegria,
Ela tanto se entristece
Que, como é noite, floresce,
E perde as flores de dia.
Escrevem vários autores
Que, junto da clara fonte
Do Ganges, os moradores
Vivem do cheiro das flores
Que nascem naquele monte.

(Glosa a mote alheio)

Por isso vós, arvoredos,
Que já nos meus olhos vistes
Mais alegrias que medos,
Se mos quereis fazer ledos,
Tornai-vos agora tristes.

A ILHA DOS AMORES

É interessante que o poeta refere as plantas e flores dos campos do Mondego no episódio da Ilha dos Amores (*Insula Divina*) d’*Os Lusíadas*, quando, nesta obra ele normalmente refere, quase exclusivamente, plantas asiáticas. Alguns biógrafos tentaram localizar esta Ilha dos Amores, algures num dos arquipélagos do Oceano Índico¹⁷ e até na ilha de Santa Helena¹⁸. Ora isso não pode ser, pois ele cita plantas europeias e particularmente aquelas que lhe lembravam os campos do Mondego, onde viveu a sua grande paixão. Senão vejamos:

Canto IX

As árvores agrestes, que os outeiros
Têm com frondente coma enobrecidos,
Álamos são de Alcides, e os loureiros
Do louro Deus amados e queridos;
Mirtos de Citereia, co’os pinheiros
De Cibele, por outro amor vencidos;
Está apontando o agudo cipariso
Para onde é posto o etéreo Paraíso.

Nesta estância 57, cita os álamos (choupos) [*Populus* sp.; talvez o choupo-negro *Populus nigra* L., o mais comum nas margens do rio e não o choupo-branco (*Populus alba* L.), menos presente no campo], os loureiros (*Laurus nobilis* L.), os mirtos (murtas) (*Myrtus communis* L.), que são comuns, ainda hoje, nos campos do Mondego; o cipariso (cipreste) (*Cupressus sempervirens* L.) e o pinheiro de Cibele (pinheiro de Alepo) (*Pinus halepensis* Mill.), árvores introduzidas talvez pelos romanos e comuns (ainda hoje) nos cemitérios e casas senhoriais da região. Uma das razões que levaram João Vidago a identificar a Ilha dos Amores com a Ilha de Santa Helena foi “em especial, a enumeração das espécies vegetais, flores e frutos, que nela abundavam”. Realmente, as naus faziam escala na Ilha de Santa Helena para se abastecerem de água, frutas e vegetais que os portugueses ali haviam introduzido e cultivavam. Mas isso não é razão suficiente para se considerar que terá sido nesta ilha que o poeta baseara a Ilha dos Amores, pois ele refere plantas

17 Ilha de Moçambique (Pedro de MARIZ, “Ao estudioso da lição poética” — Pedro CRAESBEEK, *Os Lusíadas, comentados por Manoel Correa*. Lisboa, 1613); Ilha do Ceilão (Manuel de Faria e SOUSA, *Lusíadas de Luís de Camões*. Madrid; 1639); Ilha de Bombaim (Luiz da Cunha GONÇALVES, *Estudos Camonianos*. Porto, 1947).

18 João VIDAGO, “Ilha de Santa Helena, Ilha dos Amores, Escala da “Carreira da Índia” (1502-1625)”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 94^a, n.ºs 7-,10-12 (1976), pp. 153-175.

e árvores europeias (álamos, loureiros, pinheiros, o cipreste, o cecém, as boninas, etc.) que não existiam, nem eram cultivadas, na Ilha de Santa Helena.

Nas estâncias 61 e 62 deste episódio (Ilha dos Amores) refere as flores [violas (violetas) (*Viola* sp.; talvez a *Viola riviniana* Rchb., comum nos campos do Mondego ou o cultivado amor-perfeito, *Viola tricolor* L.), lírio roxo (*Iris* sp.; talvez o híbrido cultivado desde os tempos romanos, *Iris x germanica* L. ou o espontâneo na região, *Iris subbiflora* Brot.), rosa (*Rosa* sp.), cecém (açucena) (*Lilium candidum* L.), manjerona (*Origanum majorana* L.), hiacintinas¹⁹ (jacintos) (provavelmente o jacinto cultivado, *Hyacinthus orientalis* L.; ou jacinto-dos-campos, *Hyacinthoides hispanica* (Mill.) Rothm.), boninas (margaridas) (*Bellis* sp., ocorrendo duas espécies nos campos do Mondego, *Bellis sylvestris* Cirillo e *Bellis perennis* L.), que também refere, como vimos, nos poemas líricos “amorosos” e que são flores de plantas comuns nos prados mondeguinos. Também cita o pomo, talvez referindo-se ao fruto da “perdição” de Adão, a maçã.

Para julgar, difícil cousa fora,
No Céu vendo e na terra as mesmas cores,
Se dava às flores cor a bela Aurora,
Ou se lhe dão a ela as belas flores.
Pintando estava ali Zéfiro e Flora
As violas da cor dos amadores²⁰,
O lírio roxo, a fresca rosa bela,
Qual reluze nas faces da donzela;
A cândida cecém, das matutinas
Lágrimas rociada, e a manjerona;
Vêm-se as letras nas flores hiacintinas,
Tão queridas do filho de Latona;
Bem se enxerga nos pomos e boninas
Que competia Clóris com Pomona.
Pois, se as aves no ar cantando voam,
Alegres animais o chão povoam.

19 Augusta Faria Gersão VENTURA (1928), pelo facto de Camões referir que se vêem letras nas flores hiacintinas, considera tratar-se de *Delphinium ajacis* L., cujo nome válido é *Consolida ajacis* (L.) Schur. (esporas-bravas ou ciúmes), planta de flores azuis, mas muito distinta das plantas de flores azuis vulgarmente conhecidas por jacintos e que é relativamente comum nos campos do Mondego.

20 Augusta Faria Gersão VENTURA (1932) considera tratar-se de *Matthiola incana* (L.) R. Br. (goiveiro-encarnado), uma planta comum nos jardins.

Na estância 58 são os frutos comuns, na altura, na região; as cerejas (*Prunus avium* L.), as amoras (*Morus nigra* L.) e o pomo da Pérsia [pêssego; *Prunus persica* (L.) Batsch]:

Os dons que dá Pomona, ali Natura
Produze, diferente nos sabores,
Sem ser necessidade de cultura,
Que sem ela se dão muito melhores:
As cerejas purpúreas na pintura,
As moras, que o nome têm de amores,
O pomo que da pátria Pérsia veio,
Melhor tornado no terreno alheio;

Na estância 59 volta a citar frutos dessa altura [romãs (*Punica granatum* L.), pêras (*Pyrus communis* L.) e uvas (*Vitis vinifera* L.) e as vinhas de enforcado (as videiras são orientadas para treparem pelas árvores acima, afastando a ramada da geada do solo, podendo, assim dar uvas em cachos que ficam pendurados nos ramos das árvores, lembrando enforcados), que, actualmente, só se observam no Norte do país, mas que nessa altura devia ser a maneira usual de cultivarem a vinha. Aqui, o poeta diz que a vinha trepa pelos ulmeiros (árvores comuns nas margens do Mondego) (*Ulmus minor* Mill.), no Norte usam como árvores de suporte das vides, castanheiros, carvalhos, plátanos e até oliveiras (no Norte as oliveiras têm de ter porte arbóreo para a ramada estar longe da geada do solo e, assim, darem azeitona).

Abra a romã, mostrando a rubicunda
Cor, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jucunda
Vide, c'uns cachos roxos e outros verdes;
E vós, se na vossa árvore fecunda,
Peras piramidais, viver quiserdes,
Entregai-vos ao dano que co'os bicos
Em vós fazem os pássaros inicos.

O poeta refere também os narcisos neste episódio (estância 60), pois, de facto, existem muitas espécies de narcisos (*Narcissus* sp.) em Portugal, nomeadamente, nos campos do Baixo Mondego. É interessante notar que o poeta refere o pormenor de as flores destas plantas serem nutantes (“a cabeça a flor *Cyfisia* inclina”), como, na realidade, são na grande maioria das espécies de narcisos.

Pois a tapeçaria bela e fina,
Com que se cobre o rústico terreno,
Faz ser a de Aqueménia menos dina;
Mas o sombrio vale mais ameno.
Ali a cabeça a flor cífisia inclina,
Sóbolo tanque lucido e sereno;
Florece o filho e neto de Ciniras,
Por quem tú, Deusa páfia, inda suspiras.

Das plantas mais interessantes referidas por Camões na Ilha dos Amores, são os citrinos, que são plantas aromáticas de origem asiática (portanto, o normal n’*Os Lusíadas*) e já muito cultivados nessa altura na Europa Ocidental. Cita a laranjeira [*Citrus sinensis* (L.) Osbeck], a cidreira (*Citrus medica* L.) e o limão [*Citrus limon* (L.) Burm. f.]. Mas, como estamos na Ilha dos Amores, a referência “amorosa” tem de estar presente, quando diz que “A laranjeira tem no fruto lindo a cor que tinha Dafne nos cabelos;” e “Os fermosos limões ali, cheirando, estão virgíneas tetas imitando.” (estância 56).

Mil árvores estão ao céu subindo,
Com pomos odoríferos e belos:
A laranjeira tem no fruto lindo
A cor que tinha Dafne nos cabelos;
Encosta-se no chão, que está caindo
A cidreira co’os pesos amarelos;
Os fermosos limões ali, cheirando,
Estão virgíneas tetas imitando.

Da mesma maneira, com alusão “amorosa”, também cita o limão na Lírica, nas Redondilhas (Voltas a mote e alheio):

Verdes são os campos,
De cor de limão;
Assim são os olhos
Do meu coração.

LISTA DAS PLANTAS D'OS LUSÍADAS

As plantas indubitavelmente identificadas estão a **negrito**. Os casos que indicam apenas o nome do género, sem o restritivo específico (ex.: *Rosa* sp.), correspondem a casos em que não é possível identificar a espécie, como, por exemplo, no caso de *Rosa* sp., indica-se que ou se trata de rosas de roseiras cultivadas, normalmente cultivares resultantes de cruzamentos entre espécies diferentes (híbridos) e manipulação genética ou de roseiras silvestres e, neste caso, era preciso saber onde estava Camões quando escreveu o poema (por exemplo, se estivesse nos campos do Mondego seria a *Rosa sempervirens* L. ou a *Rosa canina* L.). Os outros nomes correspondem a identificações incorrectas encontradas na literatura camoniana, ou determinações de exactidão impossível, ou a sinónimos de nomes a negrito. Para cada espécie indica-se um Canto e respectiva estância onde a planta é referida. Os nomes vulgares entre aspas, correspondem a nomes referidos por Camões e, actualmente, em desuso ou nomes escritos, por conveniência elucidativa, em língua estrangeira.

| | | |
|---|---|--------|
| <i>Adonis annua</i> L. | Lágrimas-de-sangue; Olhos-de-perdiz; Casadinhos | IX; 60 |
| <i>Adonis autumnalis</i> L. | Lágrimas-de-sangue; Olhos-de-perdiz; Casadinhos | IX; 60 |
| <i>Aloe forbesii</i> Bak.f. | Aloé de Socotra | X; 137 |
| <i>Aloe perryi</i> Bak. | Aloé de Socotra | X; 137 |
| <i>Aloe succotrina</i> Lam. | Aloé | X; 137 |
| <i>Aloe vera</i> (L.) Burm.f. | Aloé; Aloé-babosa; Erva-babosa; Erva-azebra | X; 137 |
| <i>Antiaris toxicaria</i> (Rumph. ex. Pers.) Lesch. | Árvore-de-upas; upas-antiar (veneno) | X; 44 |
| <i>Aquilaria malaccensis</i> Lam. | Pau-de-águia; "Aloé" (Bíblia) | X; 129 |
| <i>Balsamodendrum myrrha</i> T. Nees | Mirra | X; 135 |
| <i>Bellis</i> sp. | Margaridas; "Boninas" | IX; 62 |
| <i>Bellis perennis</i> L. | Margaridas; "Boninas" | IX; 62 |
| <i>Bellis sylvestris</i> Cirillo | Margaridas; "Boninas" | IX; 62 |
| <i>Borassus aethiopicum</i> Mart. | Palmeira-leque; "Mevuma" (vandau) | I; 46 |
| <i>Borassus flabellifer</i> L. | Palmeira de Palmira | I; 46 |
| <i>Boswellia sacra</i> Flueck. | Incenso; Incenseiro; Olíbano; Árvore-do-incenso | X; 101 |
| <i>Caesalpinia echinata</i> Lam. | Pau-brasil | X; 140 |
| <i>Caesalpinia peltophoroides</i> Benth. | Pau-brasil | X; 140 |
| <i>Caryophyllus aromaticus</i> L. | Cravinho; Cravinho da Índia | X; 132 |
| <i>Cerasus avium</i> (L.) Moench | Cerejeira; Cerdeira; cereja (fruto) | IX; 58 |
| <i>Cinnamomum aromaticum</i> Nees | Caneleira da China; Cássia da China | X; 51 |
| <i>Cinnamomum verum</i> J. Presl | Caneleira do Ceilão; Caneleira da Índia | X; 51 |
| <i>Cinnamomum zeylanicum</i> Sin. | Caneleira do Ceilão; Caneleira da Índia | X; 51 |
| <i>Citrus aurantium</i> L. | Laranjeira-amarga; laranja-amarga (fruto) | IX; 56 |
| <i>Citrus limon</i> (L.) Burm.f. | Limoeiro; limão (fruto) | IX; 56 |
| <i>Citrus limomum</i> Sin. | Limoeiro; limão (fruto) | IX; 56 |
| <i>Citrus medica</i> L. | Cidreira; cidra (fruto); cidrão (fruto) | IX; 56 |

| | | |
|--|---|---------|
| <i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck | Laranjeira-doce; laranja-doce (fruto) | IX; 56 |
| <i>Commiphora abyssinica</i> Sin. | Mirra | X; 135 |
| <i>Commiphora myrrha</i> (Nees) Engl. | Mirra | X; 135 |
| <i>Cupressus sempervirens</i> L. | Cipreste; "Cipariso" | IX; 57 |
| <i>Dryobalanops aromatica</i> Gaërtn. | Canforeira de Bornéu; Canforeira da Malásia | X; 133 |
| <i>Dryobalanops sumatrensis</i> (Gmel.) Kost. | Canforeira de Bornéu; Canforeira da Malásia | X; 133 |
| <i>Fagus sylvatica</i> L. | Faia | X; 34 |
| <i>Gladiolus illyricus</i> W.D.J. Koch | Espadana-dos-montes-de-folhas-largas | IX; 62 |
| <i>Gladiolus italicus</i> Mill. | Espadana-das-searas | IX; 62 |
| <i>Gladiolus segetum</i> Ker-Gawl. | Espadana-das-searas | IX; 62 |
| <i>Gnaphalium sanguineum</i> L. | Sangue-dos-macabeus | III; 97 |
| <i>Gossypium herbaceum</i> L. | Algodoeiro-asiático; algodão (pêlo da semente) | V; 76 |
| <i>Hedera helix</i> L. | Hera | II; 36 |
| <i>Helichrysum sanguineum</i> (L.) Kostel. | Sangue-dos-macabeus | III; 97 |
| <i>Hyacinthoides hispanica</i> (Mill.) Rothm. | Jacinto; "hiacintina" | IX; 61 |
| <i>Hyacinthus</i> sp. | Jacinto; "hiacintina" | IX; 61 |
| <i>Hyacinthus orientalis</i> L. | Jacinto; "hiacintina" | IX; 61 |
| <i>Hyphaena obovata</i> Furtado | "Matcheu" (vandau) | I; 46 |
| <i>Indigofera tinctoria</i> L. | Anilerira; Índigo | V; 76 |
| <i>Iris</i> sp. | Lírio | II; 37 |
| <i>Iris subbiflora</i> Brot. | Lírio-roxo | IX; 61 |
| <i>Jasminum</i> sp. | Jasmineiro; jasmim (flor) | X; 1 |
| <i>Jasminum fruricans</i> L. | Jasmineiro-do-campo; jasmim (flor) | X; 1 |
| <i>Laurus nobilis</i> L. | Loureiro, Louro | IX; 57 |
| <i>Lilium candidum</i> L. | Açucena; "Cecém" ; "Susen" (árabe) | IX; 62 |
| <i>Lodoicea maldivica</i> (J.F. Gmel.) Pers. | Palmeira das Seicheles; coco-do-mar (fruto) | X; 136 |
| <i>Lodoicea sechellarum</i> Labill. | Palmeira das Seicheles; coco-do-mar (fruto) | X; 136 |
| <i>Malus sylvestris</i> (L.) Mill. | Macieira-brava; maçã (fruto); "maçã-de-ouro" | IV; 55 |
| <i>Matthiola incana</i> (L.) R.Br. | Goiveiro-encarnado | IX; 61 |
| <i>Morus nigra</i> L. | Amoreira-negra; "Mora"; amora (infrutescência) | IX; 58 |
| <i>Myristica fragans</i> Houtt. | Moscadeira; noz-moscada (semente arilada) | X; 133 |
| <i>Myrtus communis</i> L. | Murta; Murteira; "Mirto" | IX; 57 |
| <i>Narcissus</i> sp. | Narciso; "Flor cifísia" | IX; 60 |
| <i>Narcissus poeticus</i> L. | Narciso-dos-poetas | IX; 60 |
| <i>Narcissus tazetta</i> L. | Narciso-de-inverno; Mija-burro | IX; 60 |
| <i>Olea europaea</i> L. var. <i>europaea</i> | Oliveira; azeitona (fruto) | VI; 13 |
| <i>Origanum majorana</i> L. | Manjerona | IX; 62 |
| <i>Persica vulgaris</i> Mill. | Pessegueiro; pêssego (fruto); "pomo" (fruto) | IX; 58 |
| <i>Phoenix dactylifera</i> L. | Tamareira; Palmeira-das-igrejas; tâmara (fruto) | X; 42 |
| <i>Phoenix reclinata</i> Jacq. | "Matchindo" (vandau) | I; 46 |
| <i>Pinus halepensis</i> Mill. | Pinheiro de Alepo | IX; 57 |
| <i>Pinus pinea</i> L. | Pinheiro-manso; pinhão (semente) | IX; 57 |

| | | |
|--|--|---------|
| <i>Piper betle</i> L. | Bétele | VII; 58 |
| <i>Piper nigrum</i> L. | Pimenteira; pimenta-negra (semente) | IX; 14 |
| <i>Piper officinarum</i> L. | Pimenteira; pimenta-longa de Java (semente) | X; 123 |
| <i>Piper retrofractum</i> L. | Pimenteira; pimenta-longa de Java (semente) | X; 123 |
| <i>Populus</i> sp. | Choupo; Álamo; "Álemo" | IX; 57 |
| <i>Populus alba</i> L. | "Faia" | X; 34 |
| <i>Populus alba</i> L. | Choupo-branco; Álamo-branco; "Álemo" | IX; 57 |
| <i>Populus nigra</i> L. | Choupo-negro; Álamo-negro; "Álemo" | IX; 57 |
| <i>Prunus avium</i> L. | Cerejeira; Cerdeira; cereja (fruto) | IX; 58 |
| <i>Prunus persica</i> (L.) Batsch | Pessegueiro; pêssego (fruto); "pomo" (fruto) | IX; 58 |
| <i>Punica granatum</i> L. | Romãzeira; Romeira; romã (fruto) | IX; 59 |
| <i>Pyrus communis</i> L. | Pereira; pêra (fruto) | IX; 59 |
| <i>Quercus</i> sp. | Carvalho; bolota (fruto) | X; 34 |
| <i>Quercus robur</i> L. | Carvalho-comum; bolota (fruto) | X; 34 |
| <i>Rosa</i> sp. | Roseira; rosa (flor) | IX; 61 |
| <i>Rosa x centifolia</i> L. | Roseira-pálida; rosa-pálida (flor) | IX; 61 |
| <i>Santalum album</i> L. | Sândalo-branco; Pau-sândalo | X; 134 |
| <i>Strophanthus kombe</i> Oliv. | Estrofantó;"kombi" (veneno) | I; 86 |
| <i>Strophanthus petersianus</i> Klotsch | Estrofantó;"kombi" (veneno) | I; 86 |
| <i>Strychnos nux-vomica</i> L. | Árvore-da-noz-vômica; noz-vômica (fruto) | X; 44 |
| <i>Strychnos tieute</i> Lesch. | "Upas tieuté" (veneno) | X; 44 |
| <i>Strychnos toxifera</i> R.H. Schomb. ex Benth. | Curare; urari (veneno) | X; 44 |
| <i>Styrax benzoin</i> Dryand. | Benjoim | X; 135 |
| <i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & Perry | Cravinho; Cravinho da Índia; "Cravo" | X; 132 |
| <i>Triticum</i> sp. | Trigo | X; 27 |
| <i>Triticum aestivum</i> L. | Trigo; Trigo-mole | IX; 27 |
| <i>Triticum vulgare</i> Vill. | Trigo | IX; 27 |
| <i>Ulnus campestris</i> auct., non L. | Ulmeiro; Negrilho | IX; 59 |
| <i>Ulmus minor</i> Mill. | Ulmeiro; Negrilho | IX; 59 |
| <i>Viola</i> sp. | Violeta; "Viola" | IX; 61 |
| <i>Viola odorata</i> L. | Violeta; Amor-perfeito; "Viola" | IX; 61 |
| <i>Viola riviniana</i> Rchb. | Violeta; "Viola" | IX; 61 |
| <i>Vitis vinifera</i> L. | Videira; "Vide" | IX; 59 |

LISTA DAS PLANTAS DA LÍRICA

Os casos que indicam apenas o nome do género, sem o restritivo específico, como, por exemplo *Salix* sp., correspondem a casos em que não é possível identificar a espécie, pois, neste caso (*Salix* sp.), era preciso saber onde estava Camões quando escreveu o poema. Os nomes vulgares entre aspas correspondem a nomes referidos por Camões e, actualmente, em desuso ou nomes escritos, por conveniência elucidativa, em língua estrangeira. Para cada espécie indica-se a composição poética lírica onde a planta é referida. Notar que as rosas são as únicas flores referidas em todas as formas líricas de composição poética.

| | | |
|---|--|----------------------------|
| <i>Allium sativum</i> L. | Alho | Redondilhas |
| <i>Bellis</i> sp. | Margaridas; "Boninas" | Red; Son; Écl; Odes |
| <i>Brassica oleracea</i> L. var. <i>capitata</i> L. | Repolho | Redondilhas |
| <i>Castanea sativa</i> L. | Castanheiro; castanha (fruto) | Sonetos |
| <i>Chelidonium majus</i> L. | Erva andorinha; "Andorinha" | Redondilhas |
| <i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f. | Limoeiro; limão (fruto) | Redondilhas |
| <i>Corylus avellana</i> L. | Aveleira; avelã (fruto) | Éclogas |
| <i>Dianthus caryophyllus</i> L. | Craveiro; cravo (flor) | Éclogas; Odes |
| <i>Fagus sylvatica</i> L. | Faia | Éclogas |
| <i>Ficus carica</i> L. | Figueira; figo (infrutescência) | Redondilhas |
| <i>Fraxinus angustifolia</i> Vahl | Freixo | Éclogas; Odes |
| <i>Hedera helix</i> L. | Hera | Éclogas |
| <i>Hyacinthus</i> sp. | Jacinto; "Hiacintinas" | Elegias |
| <i>Iris</i> sp. | Lírio | Son; Écl; Odes |
| <i>Jasminum</i> sp. | Jasmim | Redondilhas; Éclogas |
| <i>Lactuca sativa</i> L. | Alface; "Alfaça" | Odes |
| <i>Laurus nobilis</i> L. | Loureiro, Louro | Sonetos; Odes |
| <i>Lilium candidum</i> L. | Açucena; "Cecém" | Sonetos |
| <i>Lodoicea maldivica</i> (J. F. Gmel.) Pers. | Coco-do-mar; "Pomo" | Red; Son; Odes |
| <i>Malus sylvestris</i> (L.) Mill. | Macieira-brava; macã (fruto); "pomo" | Éclogas |
| <i>Mentha</i> sp. | Hortelã | Éclogas |
| <i>Myrtus communis</i> L. | Murta; Murteira; "Mirto" | Éclogas; Odes |
| <i>Nyctanthes arbor-tristis</i> L. | Árvore-triste | Redondilhas |
| <i>Olea europaea</i> L. var. <i>sylvestris</i> (Mill.) Lehr | Zambujeiro; "Azambujeiro" | Éclogas |
| <i>Origanum majorana</i> L. | Manjerona | Éclogas |
| <i>Pinus halepensis</i> Mill. | Pinheiro de Alepo | Sonetos; Éclogas |
| <i>Populus</i> sp. | Choupo; Álamo; "Álemo" | Éclogas |
| <i>Quercus</i> sp. | Carvalho; bolota (fruto) | Éclogas |
| <i>Rosa</i> sp. | Roseira; rosa (flor) | Red; Son; Écl; Od; El; Can |
| <i>Rubus</i> sp. | Silva; Amora-da-silva (fruto); "moras" | Éclogas |
| <i>Salix</i> sp. | Salgueiro | Redondilhas; Éclogas |
| <i>Tribulus terrestris</i> L. | Abrolhos | Red; Écl; Odes |
| <i>Ulmus minor</i> Mill. | Ulmeiro | Éclogas |
| <i>Viola</i> sp. | Violeta; "viola" | Sonetos |
| <i>Vitis vinifera</i> L. | Videira | Éclogas |

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- BARBOSA, Duarte, *Livro de Duarte Barbosa*. Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1813.
- CAMÕES, Luís de, *Os Lusíadas*. Fac-símile da edição de: Lisboa, Antonio Góçalvez Impressor, 1572. Edição Fac-símile comemorativa dos 500 anos da Biblioteca da Universidade de Coimbra. [Lisboa], A Bela e o Monstro, 2013.
- CIDADE, H., “Luís de Camões e suas Afinidades com Garcia de Orta”, *Garcia de Orta*, N.º Especial (1972), pp. 155-163.
- CIDADE, H., *Obras completas de Luís de Camões*. 1, *Os Lusíadas*. Mem Martins, Círculo de Leitores, 1980.
- CIDADE, H., *Obras completas de Luís de Camões*. 2, *Teatro e Cartas*. Mem Martins, Círculo de Leitores, 1980.
- CIDADE, H., *Obras completas de Luís de Camões*. 3, *Lírica*. Mem Martins, Círculo de Leitores, 1980.
- CUNHA, A. Proença da; SILVA, A. P. da; ROQUE, O. R., *Plantas e produtos vegetais em fitoterapia*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- PIMPÃO, A. J. Costa, *Luís de Camões. Rimas*. Coimbra, Almedina, 2005.
- FAUVEL, A.-A., “Le Cocotier de mer des Iles Seychelles (Lodoicea Sechellarum)”, *Annales du Musée Colonial de Marseille*, Sér. 3, 1 (1915), pp. 169-307.
- FERRÃO, J. E. M., *A Aventura das Plantas e os Descobrimentos Portugueses*. 3.ª ed. Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical; Fundação Berardo; Chaves Ferreira- Publicações, S.A., 2005.
- FICALHO, Conde de, *Flora dos Lusíadas*. Lisboa, Academia Real das Sciencias, 1880.
- LABILLARDIÈRE, Jean-Jacques H., “Sur le Cocotier de Mer des Maldives”, *Annales du Muséum National d’Histoire Naturelle* 9 (1807), pp. 140-145.
- LIONNET, G., *The Romance of a palm. Coco de Mer*. Bell Village, L’ile aux Images, 1986.
- MORTON, A. G., *History of Botanical Science, an account of the development of Botany from ancient times to the present day*. London, Academic Press, 1981.
- MOURA, A. R., “Sobre os vandaus (Sofala – Moçambique)”, in *Moçambique: aspectos da cultura material*. Coimbra, Instituto de Antropologia, Universidade de Coimbra, 1986, pp. 55-76, fig. 1-44 (Publicações do Centro de Estudos Africanos, 6).
- MOURA, A. R., “Contribuição para o conhecimento da cestaria de Moçambique”, in *Cestaria tradicional em África*. Coimbra, Instituto de Antropologia, Universidade de Coimbra, 1988, pp. 13-34, fig. 1-64 (Publicações do Centro de Estudos Africanos, 9).
- NATIVIDADE, J. V., “A flora da lírica de Camões”, *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa* 14 (1970), pp. 7-63.
- ORTA, Garcia de, *Coloquios dos simples e drogas da India*. Ed. Academia Real das Sciencias de Lisboa (dirigida e anotada por Conde de FICALHO) I. Lisboa, 1891.
- ORTA, Garcia de, *Coloquios dos simples e drogas da India*. Ed. Academia Real das Sciencias de Lisboa (dirigida e anotada por Conde de FICALHO) II. Lisboa, 1895.
- PAIVA, J., “Jardins Botânicos. Sua origem e importância”, *Munda* 2 (1981), pp. 35-44.

- REYNOLDS, G. W., *The Aloes of South Africa*. Johannesburg, Aloes of South Africa Book Fund, 1950.
- REYNOLDS, G. W., *The Aloes of Tropical Africa and Madagascar*. Mbabane, The Trustees. The Aloes Book Fund, 1966.
- SANTOS, C. A. dos, “Camões y Góngora; una lectura del erotismo en Los Lusíadas y en la Fábula de Polifemo y Galatea”, *Castilla. Estudios de Literatura* 28-29 (2003-2004), pp. 23-46.
- SARAIVA, J. H., *Vida ignorada de Camões*. Mem Martins, Publicações Europa-América, 1982 (Estudos, Ensaaios e Documentos 141).
- SONNERAT, Pierre, *Voyage a la Nouvelle Guinée*. Paris, Ruault, 1776.
- VENTURA, A. F. G., “As Flores Hiacintinas de Camões”, *O Instituto* 75 (1928), pp. 397-408.
- VENTURA, A. F. G., “O Adónis de Camões” (Miscelânea de estudos em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos), *Revista da Universidade de Coimbra* 11 (1933), pp 1009-1016.
- VENTURA, A. F. G., “Subsídio para o estudo da Flora Camoneana. III- A Viola”, *O Instituto* 83, 12 (1932), pp. 344-354.
- VENTURA, A. F. G., “Subsídio para o estudo da Flora Camoneana. IV- Boninas e rosas”, *Biblos* 9 (1933), pp.128-138.
- VENTURA, A. F. G., “Subsídio para o estudo da Flora Camoneana. V- Lírios e legação”, *O Instituto* 85 (1933), pp. 180-185.
- VENTURA, A. F. G., “Subsídio para o estudo da Flora Camoneana. VI- O Báculo e o louro”, *Biblos* 11 (1935), pp.72-84.
- VENTURA, A. F. G., “Subsídio para o estudo da Flora Camoneana. VII- Fruta da Ilha dos Amores”, *Biblos* 12 (1936), pp. 212-222.
- VENTURA, A. F. G., “O Côco da barca do Purgatório de Gil Vicente e o Jasmim dos *Lusíadas* e da Lírica de Camões”, *Liceus de Portugal* 29 (1943), pp. 2329-2334.
- VENTURA, A. F. G., “Notas Camonianas”, *Brasília* 4 (1949), pp. 119-154.
- VENTURA, A. F. G., “Notas Camonianas”, *Brasília* 10 (1958), pp. 1- 37.
- VENTURA, A. F. G., “Notas Camonianas”, *Brasília* 11 (1961), pp. 1-29.
- VIDAGO, João, “Ilha de Santa Helena, Ilha dos Amores, Escala da “Carreira da Índia” (1502-1625)”, *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 94^a, n.º 7-, 10-12 (1976), pp. 153-175.
- TAVARES, C. N., “Os Lusíadas e a Botânica”, *Garcia de Orta*, N.º Especial (1972), pp. 547-567.

A partir dos alvares do século XVI, a matéria médica torna-se indiscutivelmente um tema de primeira grandeza entre os membros da República das Letras, objecto de estudo e de controvérsia entre os mais notáveis humanistas europeus, em particular entre os cultores da arte médica. Entre os autores em destaque neste volume encontram-se, à cabeça, os nomes de Amato Lusitano, Garcia de Orta e Nicolás Monardes, famosos pelos contributos valiosos que deram para o conhecimento do mundo natural. O volume encontra-se dividido em duas partes: a primeira, subordinada ao título “Humanismo e Ciência”, alberga os estudos que versam sobre todos os autores estudados, à excepção de Amato Lusitano; a segunda está reservada a um conjunto de trabalhos dedicados exclusivamente ao médico albicastrense, cuja autoria se fica a dever, em boa parte, aos membros da equipa do projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, tomando, por isso, o seu próprio título. Nesta segunda parte, oferece-se, desde já, aos leitores uma amostra significativa do trabalho desenvolvido no âmbito do projecto e que culminará, assim se espera, na edição e tradução integral para língua portuguesa das quatro obras previstas de Dioscórides, Amato Lusitano e Pietro Andrea Mattioli.



HUMANISMO E CIÊNCIA: Antiguidade e Renascimento

O projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” constituiu-se como o ponto de partida de uma reflexão alargada sobre as relações entre Humanismo e Ciência, percebidas a partir do diálogo fecundo entre dois tempos tão próximos quão afastados: Antiguidade e Renascimento. Naturalmente, a matéria médica representa o eixo central em torno do qual gravita a maioria dos estudos deste volume, cujas ramificações se estendem a múltiplos saberes no domínio da Botânica, Farmácia, Geologia, História, Lexicografia, Literatura, Matemática, Medicina ou Zoologia.

Os humanistas que desde os finais do século XV editaram, comentaram e traduziram o tratado de Dioscórides estão na origem de um processo acelerado de (re)conhecimento do mundo natural, ancorado no método filológico e nos resultados carreados pela observação e pela experimentação de uma realidade tantas vezes nova e completamente desconhecida. Neste movimento de largo espectro, tomaram parte alguns dos autores em destaque neste volume, seja através do estudo da própria matéria médica e/ou da medicina (Amato Lusitano, Filipe Montalto, Gabriel da Fonseca, Garcia de Orta, John Frampton, Luís Nunes de Santarém, Nicolás Monardes, Rodrigo de Castro), seja através do culto da poesia (Camões, Diogo Pires, Luís Nunes), seja através da matemática (Pierre Brissot, Francisco de Melo).



universidade de aveiro
theoria poesis praxis

• U



C •



FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



COMPETE

PROGRAMA OPERACIONAL FACTORES DE COMPETITIVIDADE



QUADRO DE REFERÊNCIA
ESTRATÉGICO
NACIONAL
PORTUGAL 2007-2013



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional